TEMAS NOSSO TEMPO

CHINA

Revolução no Ensino

CHINA

REVOLUÇÃO NO ENSINO

Selecção e tradução
de *M. Fátima Monteiro*

centelha

COIMBRA
1974

FICHA

TÍTULO: *China — revolução no ensino*

AUTORES: diversos

TRADUTORA: M. Fátima Monteiro

EDITORA: *Centelha — Promoção do Livro, SARL*

PREÇO: 30$00

«Centelha — Promoção do Livro, S. A. R. L.»
Apartado 241
COIMBRA

NOTA INTRODUTÓRIA

Os artigos que a seguir se apresentam foram todos publicados na revista «LA CHINE EN CONSTRUCTION» editada em Pequim entre 1970 e 1972. São portanto textos de origem chinesa.

Muitas publicações têm vindo a lume, sobretudo nos últimos anos, tratando da China e particularmente da Grande Revolução Cultural Proletária. Numerosos os estrangeiros que, vivendo ou visitando a China, nos contaram as suas impressões, nos relataram os factos que lhes foi dado observar, nos transcreveram entrevistas com responsáveis ou com simples pessoas do povo. A consulta e estudo destes elementos é indispensável para todos aqueles que pretendam compreender a Revolução Cultural.

Todavia, não nos parece de menor importância saber o que pensam os autores desta obra: os próprios chineses. Como vêm os chineses a sua revolução,

o que esperam dela, como enfrentam e resolvem os problemas que diàriamente a revolução lhes cria; por outro lado, quais as motivações profundas que levam ao seu desencadear, qual a importância do pensamento maotsetung nas grandes transformações que a sociedade chinesa vai sofrer, quais as suas implicações político-filosóficas; são estes alguns dos assuntos que, tratados pelos próprios chineses, constituirão um contributo importante para uma cabal compreensão do assunto.

É neste sentido que se justifica a elaboração da presente colectânea: serem os chineses a falar da sua revolução. Sendo assim, é natural que o leitor vá encontrar nos textos certos exageros, afirmações um tanto chocantes, citações muitas vezes repetidas, uma linguagem pouco «erudita» embora clara e objectiva, algumas tomadas de posição ou frases chave aparentemente desprovidas de sentido.

De qualquer modo achámos por bem manter-nos fiéis ao original pois, qualquer tentativa de «correcção» da nossa parte, seria já uma tomada de posição, seria suprimir ou alterar elementos quiçá de grande importância para uma melhor definição da mentalidade e da maneira de ser do povo chinês. Não pretendemos criticar, louvar, emitir ou confrontar opiniões: o nosso objectivo é fornecer dados que, conjugados com outros que têm sido e continuam a ser publicados, ajudem o leitor a tomar uma posição fundamentada sobre a Revolução Cultural.

O facto destes artigos dizerem respeito à política do ensino, não significa que apenas tratem deste assunto. Para além das relações que qualquer política de ensino tem com a organização do estado, com a política do governo ou com a própria sociedade, no caso particular da China essas relações são ainda mais estreitas como a seguir veremos. Deste modo, ao tratar-se do ensino, muitos outros sectores como a política da saúde, a organização social, o desenvolvimento industrial, a política interna, etc., serão abordados e analisados. Mais uma razão para termos procurado que este estudo fosse o mais exaustivo possível abrangendo todos os escalões do ensino: primário (urbano e rural), secundário, superior e técnico.

I

OS GRANDES PRINCÍPIOS

A — DISCUSSÃO EM TODO O PAÍS SOBRE A REVOLUÇÃO NO ENSINO PRIMÁRIO E SECUNDÁRIO

Trava-se neste momento em todo o país uma discussão longa e aprofundada sobre a revolução no ensino. Iniciou-se em Novembro de 1968 com a publicação pelo **Renmin Ribao** (Diário do Povo) duma proposta apresentada por dois professores de escola primária rural, pedindo para que fosse confiada a gestão das escolas primárias do Estado às brigadas de produção das comunas populares. A proposta desencadeou imediatamente uma viva discussão em todo o país e, apenas em 15 dias, o jornal recebeu sobre o assunto sete mil cartas ou artigos das massas revolucionárias das cidades e dos campos. O tema em discussão foi-se alargando até englobar, para além da gestão das escolas primárias rurais, a própria gestão das escolas primárias e secundárias urbanas. Em

Maio último, publicou o mesmo jornal um programa de ensino para as escolas primárias e secundárias rurais **(Projecto)**, elaborado pelo comité revolucionário do distrito de Lichou, na província de Kilin. Esse programa, que sintetisa numerosas criações e sugestões feitas pelas massas no decurso da Grande Revolução Cultural, fez ascender a discussão a uma fase ainda mais importante. Durante os últimos dez meses publicou o **Renmin Ribao**, na rubrica consagrada a este assunto, sessenta e quatro grupos de cartas e artigos que contribuiram igualmente para levar ainda mais longe a discussão de outros temas como por exemplo o da gestão das Universidades Socialistas.

1) COMO FAZER A REVOLUÇÃO NO ENSINO?

A Revolução cultural proletária, desencadeada e dirigida pessoalmente pelo presidente Mao, é uma grande revolução política no domínio da superestrutura que compreende ,entre outras, a cultura. a arte e o ensino. A Directiva do Comité Central do Partido Comunista Chinês sobre a Grande Revolução Cultural Proletária sublinha que «Reformar o antigo sistema de educação assim como os velhos princípios e métodos de ensino é uma tarefa de extrema importância da Grande Revolução Cultural Proletária em curso.» Em 1966, apenas começada esta revolução, os professores e alunos revolucionários bem como os jovens guardas vermelhos de todo o país, erguendo bem

alto a divisa «TEMOS RAZÃO EM NOS REVOLTARMOS CONTRA OS REACCIONÁRIOS», desencadearam o assalto contra o antigo sistema de educação e alcançaram importantes vitórias. Depois, com a entrada da Revolução Cultural na fase de luta-crítica-reforma e em conformidade com a palavra de ordem lançada pelo presidente Mao: «A CLASSE OPERÁRIA DEVE EXERCER A DIRECÇÃO EM TUDO», a classe operária, força principal da revolução proletária e os camponeses pobres e médios que constituem o seu mais firme aliado, entraram nos estabelecimentos escolares que, pouco depois, mudavam consideràvelmente de aspecto.

Como dirigir e administrar as escolas? Como proceder à reforma do ensino? São estas, para a classe operária, camponeses pobres e médios, as tarefas, gloriosas e árduas ao mesmo tempo, que nunca tinham sido empreendidas pelos seus predecessores: mais do que isso, não dispunham de qualquer precedente no qual se podessem basear. No entanto, ligando a sua própria prática à teoria do presidente Mao sobre a revolução na educação e fazendo experiências sem cessar, as massas adquiriram por todo o país um certo conhecimento, uma certa experiência nesses domínios. Por conseguinte, para levar até ao fim e em todo o país a revolução proletária da educação, é necessário «partir das massas para voltar às massas», isto é, desenvolver a discussão em larga escala. As massas de operários, camponeses e soldados, os professores e alunos revolucionários, bem

como os camaradas interessados dos diversos escalões dos comités revolucionários, dedicando-se à prática, organizaram discussões e procederam à reforma. As discussões compreendem tanto exposições teóricas aprofundadas como as ricas experiências adquiridas na prática.

Deter-nos-emos em seguida sobretudo nas discussões respeitantes à revolução do ensino nas escolas primárias e secundárias das cidades e do campo.

2) QUEM DEVE EXERCER O PODER NO ENSINO?

O presidente Mao ensina-nos: «A QUESTÃO FUNDAMENTAL NA REVOLUÇÃO É O PODER». O problema primordial, posto em discussão acerca da revolução no ensino, é o seguinte: «quem deve, no campo, exercer o poder no ensino?». No decorrer das polémicas os camponeses pobres e médios sublinharam: «Nas regiões rurais o poder no ensino deve, sem qualquer dúvida, estar na mão do proletariado. Se no passado a linha proletária do presidente Mao em matéria de educação não pôde ser aplicada a fundo e foi objecto de perturbações provocadas pela linha revisionista contra-revolucionária de Liu Chao-Chi, esse renegado agente do inimigo e traidor à classe operária, se as massas escolares não puderam formar continuadores da causa revolucionária segundo as exigências do proletariado, foi porque este não tinha na mão o poder no ensino.» E, com a força dos factos em seu apoio, muitos camponeses pobres

e médios mostraram por que razão «Sem o poder cultural o nosso poder político não se consegue manter».

Abordando a questão da «plena confiança que têm os camponeses em poderem dirigir bem as escolas», alguns deles disseram: «Temos um coração vermelho fiel ao presidente Mao, ao pensamento de Mao Tsé-Tung, à linha revolucionária proletária do presidente Mao; temos uma história familiar de sofrimentos e misérias suportadas na antiga sociedade e um estilo de trabalho caracterisado pela aplicação, simplicidade e eficácia. Estas garantias são suficientes para nos permitirem gerir bem as escolas primárias rurais». Em vários locais, depois dum certo tempo de prática, tornou-se evidente que as escolas, uma vez a cargo dos camponeses pobres e médios, estavam perfeitamente em condições de poder seguir uma orientação justa no seu funcionamento bem como na formação dos alunos, e que assim a instrução podia ser ràpidamente generalizada.

No decurso das discussões, numerosos camponeses pobres e médios e muitos professores ensinando no campo apresentaram propostas novas, como por exemplo.

1.° — Criação, segundo as necessidades, de escolas móveis, de escolas funcionando dia sim dia não e de escolas dando as aulas nos próprios locais, nas aldeias esparsas ou remotas, nas regiões de pesca ou pastorícia onde as populações estão em constantes deslocações, a fim de assegurar a todas as crian-

ças que atingiram a idade escolar a possibilidade de frequentarem uma escola;

2.° — Criação, nas brigadas de produção, dos estabelecimentos que irão ministrar, em sete anos, o ensino primário e secundário do 1.° ciclo; ou de estabelecimentos que darão, em nove anos, o ensino primário e secundário dos dois ciclos a fim de, por um lado, reduzir a escolaridade (1) e, por outro, permitir aos filhos dos camponeses pobres e médios o prosseguimento dos estudos no próprio local numa escola de grau superior e de acabar, assim, com as dificuldades criadas outrora pela distribuição irracional destes estabelecimentos.

Quanto à gestão das escolas primárias e secundárias das cidades, a opinião geral surgida no decurso das discussões foi que, tal como para as escolas rurais, uma revolução deveria ser empreendida a fundo nesses estabelecimentos urbanos que seriam colocados inteiramente sob a direcção da classe operária e cuja gestão compreenderia três formas principais: gestão pelas fábricas, pelo bairro ou, ainda, gestão pela tríplice união de fábrica — comuna — bairro.

A razão pela qual se preconiza confiar à organização de bairro a administração das escolas primárias urbanas é que, deste modo, se poderá combinar a educação escolar com a educação social e familiar. Os defensores desta forma de gestão pensam que nos bairros se encontram uns tantos operários de fábricas locais e um grande número de operários reformados e que, portanto, esses trabalhadores podiam tomar em mãos a direcção das escolas, dar os cursos e imprimir no ensino as directivas da classe operária.

(1) — Segundo o antigo sistema, os estudos primários duravam seis anos, os secundários do 1.° ciclo três anos e os do 2.° ciclo igualmente 3 anos; total de 12 anos.

3) A REVOLUCIONARIZAÇÃO IDEOLÓGICA DOS PROFESSORES

O presidente Mao disse: «O PROBLEMA ESSENCIAL NA REFORMA DO ENSINO É O DOS PROFESSORES». O controle efectivo do poder nas escolas pelos camponeses pobres e médios garante que os professores se conformarão realmente com as exigências do proletariado para administrar essas escolas e, ao mesmo tempo, acelera a revolucionarização ideológica dos próprios professores. Durante as discussões, muitos camponeses pobres e médios foram de opinião que, pelo facto de serem os professores a dar directamente aos outros a educação, é deles, em grande medida, que depende a escolha dos livros de ensino, o género de homens que se pretende formar. Portanto, preparar um contingente de professores de novo tipo, ligar a maior importância à revolucionarização ideológica dos professores, constitui para as escolas geridas pelas brigadas de produção um problema decisivo ou seja, o saber se elas

(escolas) caminham no sentido da restauração da antiga ordem ou se, pelo contrário, avançam segundo a linha proletária do presidente Mao Tsé-Tung em matéria de ensino.

Com este intuito, alguns são de opinião que os professores devem ser escolhidos pelos camponeses pobres e médios, entre os melhores diplomados dos diversos graus de ensino secundário, primeiro ou segundo ciclo, no seio das brigadas de produção e que, também, não é conveniente afastar sem reflexão os antigos professores: manter os que são apreciados pelas massas e que têm alguns méritos, enquanto que os poucos inaptos para desempenhar essa tarefa e cujas famílias se encontram no campo voltarão ao trabalho produtivo nas brigadas respectivas. Todos os que se exprimiram sobre este problema deram especial relêvo à política do Partido, de unidade, educação e reeducação dos intelectuais, sublinhando a necessidade de trazer a si a maioria esmagadora de professores, de desenvolver a sua participação na reforma do ensino e, ao mesmo tempo, de lhes dar a possibilidade de serem reeducados pelos operários, camponeses e soldados, de transformarem profundamente a sua ideologia não proletária.

A formação dum contingente de professores proletários destinados às escolas primárias e secundárias das cidades foi também vivamente discutida. Segundo a opinião geral, o corpo de professores existentes tinha necessidade de ser reeducado pelos operários, camponeses e soldados, de remodelar profundamente a sua velha ideologia. Alguns sugeriram um sistema rotativo para os professores das escolas primárias e secundárias urbanas: depois de terem ensinado dois ou três anos, vão trabalhar igual período como operários e camponeses nas fábricas ou aldeias e, em seguida, voltam a ensinar. Este sistema tem para eles um grande significado no que diz respeito a prevenir o revisionismo e a travar luta contra este. Algumas escolas urbanas, por seu lado, convidaram operários, camponeses e soldados para assumirem a função de professores. Como possuem ricas experiências na luta de classes, na luta pela produção e experimentação científica, eles podem dar explicações extremamente vivas e, além disso, orientar os trabalhos práticos nos campos ou nas fábricas; são calorosamente acolhidos pelos alunos.

4) O PROBLEMA DA QUALIDADE DO ENSINO MINISTRADO

Discutindo o problema da liquidação das influências nocivas da linha revisionista do renegado Liu Chao-Chi em matéria de educação, todos sublinharam que, se este e os seus agentes, na batalha do ensino, tinham aplicado com frenesi a linha contra-revolucionária, era para a contrapor à linha proletária do presidente Mao. Estes indivíduos prégavam a chamada teoria de «estudar para ascender a altas funções», o que levava grande número de jovens a considerar o seu estudo como um meio de se subtrai-

rem ao trabalho produtivo, de «atingirem os postos elevados». Alcançado o seu fim, felicitavam-se por terem «saído do comum» e, no caso contrário, acusavam céu e terra e desdenhavam o trabalho do campo. Para pôr em prática a directiva do presidente Mao: «A EDUCAÇÃO DEVE ESTAR AO SERVIÇO DA POLITICA DO PROLATERIADO E ESTAR COMBINADA COM O TRABALHO PRODUTIVO», é necessário refutar e desacreditar definitivamente a linha revisionista em matéria de ensino e acabar duma vez por todas com as suas influências nocivas.

Sendo as escolas primárias do estado transferidas para as brigadas de produção, as horas consagradas ao trabalho produtivo vão aumentar enquanto diminuem as dedicadas ao estudo; neste caso, não se ressentirá a qualidade do ensino ministrado nesses estabelecimentos? Eis um dos problemas levantado nalguns artigos polémicos. Certos comités de administração escolar de brigadas de produção, compostos por camponeses pobres e camponeses médios e alguns professores revolucionários, pronunciaram-se sobre o assunto: no que se refere à qualidade do ensino, os pontos de vista variam em função das posições de classe em que nos colocamos. A linha revisionista pretende que o critério da qualidade do ensino seja «a percentagem de alunos que passaram para uma escola de grau superior», «a quantidade de conhecimentos livrescos adquiridos pelos alunos», enquanto que, segundo a linha proletária do presidente Mao, o único critério correcto é o de ver se os alunos for-

mados servem ou não de todo o coração o povo, o proletariado.

Os comités de administração escolar das brigadas de produção, compostos por camponeses pobres e médios que já adquiriram experiência na gestão das escolas, falaram muito do que aprenderam perseverando na linha proletária do presidente Mao. Tomando as obras do presidente Mao como principais manuais de ensino, a luta de classes como matéria primordial, o trabalho produtivo como base, eles próprios redigiram os cursos e atiraram para o lixo da história tudo o que estava desligado da prática e que tinha servido para propagar ideias feudais, burguesas e revisionistas.

Nas cidades, membros da equipa operária de propaganda do pensamento maotsetung trabalhando nas escolas, professores e alunos revolucionários bem como pais de alunos, criticaram o antigo programa que era escolástico e cheio de repetições, que dava grande importância ao passado e desprezava o presente, que sobrecarregava os alunos de deveres e os ensinava a aspirar a celebridade e a pensar no seu interesse individual. É absolutamente necessário, dizem eles, seguir a directiva do presidente Mao segundo a qual os alunos «CONSAGRANDO-SE PRINCIPALMENTE AOS ESTUDOS, DEVEM AO MESMO TEMPO ADQUIRIR OUTROS CONHECIMENTOS»; é preciso elaborar um programa novo em conformidade com o princípio «pouco mas melhor». Algumas escolas secundárias, sob a direcção da classe operária, or-

ganizaram grupos de redacção dos cursos compostos por camponeses, operários e soldados, professores e alunos revolucionários; elas possuem agora os seus novos manuais.

Presentemente esta discussão nacional sobre a revolução no ensino continua a desenvolver-se em profundidade. Criando penosamente o novo, as massas de operários, camponeses e soldados bem como os intelectuais revolucionários, fazem constantemente o balanço e a troca de experiências a fim de conseguirem um resultado sempre melhor. Os seus esforços acelerarão o aparecimento dum sistema de educação inteiramente novo e em conformidade com o pensamento maotsetung.

B — UM EXEMPLO DA NOVA ESCOLA: CRIADA DE SERVIR A DAR AULAS

Ho Kouei-Tchen, operária da fábrica de colofónio (1) do distrito de Houaitsi, província de Kouangtong, entrou, com a equipa operária de propaganda do pensamento maotsetung, na escola primária n.º 1 da povoação de Houaitcheng, para aí dirigir a revolução no ensino. Na primeira vez que subiu ao estrado deu aos alunos do quarto ano uma lição viva sobre o pensamento maotsetung.

Tocou a campainha. Ho Kouei-Tchen entrou na aula e abriu as **Citações do presidente Mao Tsé-Tung.**

---

(1) O colofónio, também chamado «pez louro» ou colofana, é uma substância que se obtém pela destilação das resinas brutas e que se utiliza na produção de óleo de resina, sabões, tintas, vernizes, lacres, etc. (N. T.)

Nutrindo um sentimento profundo pelo presidente Mao, ela leu em voz alta: «UM PARTIDO DISCIPLINADO, ARMADO DA TEORIA MARXISTA-LENINISTA, PRATICANDO A AUTOCRÍTICA E LIGADO ÀS MASSAS POPULARES; UM EXÉRCITO DIRIGIDO POR UM TAL PARTIDO; UMA FRENTE UNIDA DE TODAS AS CLASSES REVOLUCIONÁRIAS; EIS AS TRÊS ARMAS PRINCIPAIS COM AS QUAIS VENCEMOS O INIMIGO». Os alunos pediram-lhe para escrever esta citação no quadro o que ela fez, muito lentamente, concentrando nisso toda a atenção. Por trás dela alguns alunos começaram a discutir em voz alta enquanto outros se punham a rir. Ela voltou-se e perguntou: «Que estão a dizer?» Um aluno respondeu atrevidamente: «Dissemos que, ao contrário do nosso antigo professor, a senhora escreve muito lentamente e os caracteres traçados não são do mesmo tamanho». Então, Ho Kouei-Tchen, muito emocionada, respondeu: «Sim camaradas, eu não sou como os vossos antigos professores, eu sou uma operária que nunca frequentou a escola.»

«Porque razão não foi à escola?» As crianças, ingénuas, esperavam a sua resposta. Ho Kouei-Tchen explicou-se com estas palavras plenas de sentido: «Camaradas, antes da libertação a minha família era muito pobre e não podia pagar os meus estudos. Depois da Libertação muitas escolas foram influenciadas pela linha revisionista contra-revolucionária aplicada por Liu Chao-Chi no ensino e serviam os interesses dos proprietários de terras e da burguesia e,

por isso, também não pude ir à escola.» Depois, com as lágrimas nos olhos, ela começou a contar o episódio seguinte:

«Antes da Libertação, sob o domínio reaccionário do Kuomintang, havia uma rapariguinha cuja família, constituida por sete membros, se comprimia num miserável reduto e quase nada tinha para comer. A rapariga, com o irmão, ia mendigar por toda a parte. Como queriam que ela fosse à escola nestas condições? Mais tarde, por absoluta falta de recursos, o seu avô suicidou-se. Seu pai foi obrigado a vender o irmão e a irmã mais velha a um proprietário e a dar a sua irmãzinha a um outro. Embora a rapariga apenas tivesse 8 anos, nem chegava à vossa idade, foi vendida a uma família rica como criada de servir. Nunca ela se podia deitar antes da meia noite ou se levantar depois de nascer o sol. Além disso tinha o corpo todo negro das pancadas que recebia do seu malvado patrão...»

Os alunos escutavam em silêncio, olhos esbugalhados, os punhos cerrados; estavam cheios de ódio pela antiga sociedade. Limpando as lágrimas e mostrando a citação do presidente Mao escrita no quadro, Ho Kouei-Tchen continuou: «Camaradas, foi com estas três armas principais que o nosso grande dirigente, o presidente Mao, nos conduziu, nós os pobres explorados e oprimidos do antigo regime, a vencer os inimigos e a libertar toda a China. A família dessa rapariga foi assim salva do inferno e encontra-se agora reunida. Ela tornou-se uma operária, leva uma vida

feliz e aprendeu a ler e a escrever.»

Os alunos perguntaram-lhe: «Onde se encontra hoje essa rapariga? Ho Kouei-Tchen respondeu com emoção: «É membro da equipa operária de propaganda do pensamento maotsetung enviada para a vossa escola. Neste momento ela dá-vos um curso de pensamento maotsetung sobre a luta de classes; ela é precisamente a operária que, perante vós, escreveu tão mal e tão lentamente.» Em seguida perguntou-lhes: «Camaradas, na antiga sociedade, nós os operários, camponeses pobres e médios, poderíamos ir à escola?» «Não!» responderam os alunos em coro e em voz alta. Então ela acrescentou: «Foi graças à correcta direcção do presidente Mao que vocês podem hoje seguir os vossos estudos. Mas Liu Chao-Chi queria restaurar o capitalismo e fazer-nos voltar aos sofrimentos. Ele procurava por todos os meios formar, nas escolas, os sucessores da burguesia. Nunca tal o deixaremos fazer! Devemos estudar completamente as obras do presidente Mao, seguir os seus ensinamentos, tornarmo-nos os seus bons filhos e mantermo-nos para sempre fiéis a ele.» Guiados por Ho Kouei-Tchen, os alunos recitaram com toda a seriedade a citação do presidente Mao escrita no quadro. Tinham começado a ver com outros olhos essa escrita desajeitada.

Toca a campainha. A operária-professora diz: «Esta lição não acabou, dar-vos-ei ainda explicações da próxima vez, está bem?» «Sim!» foi a resposta. Depois da aula ela foi rodeada pelos alunos. Alguns de-

les fizeram a sua autocrítica: «Nós não devíamos ter troçado da sua maneira de escrever.» Outros disseram: «A lição que nos deu ajuda-nos a compreender melhor o que é a luta de classes.» Outros ainda exprimiram a sua resolução: «Seguiremos sempre os ensinamentos do presidente Mao e seremos os seus bons filhos.» Todos pediram a Ho Kouei-Tchen para lhes dar mais aulas sobre o pensamento maotsetung.

II

O ENSINO PRIMÁRIO

A — A REVOLUÇÃO DO ENSINO NUMA COMUNA POPULAR

O sol lançava os primeiros raios sobre a comuna popular de Choueiyuan, distrito de Yingkeou, província de Liaoning. Os membros da equipa de propaganda do pensamento maotsetung estavam já reunidos à entrada duma das aldeias. Levando fotografias do presidente Mao e brandindo bandeiras vermelhas, estes camponeses pobres, mensageiros da esperança de todos os seus irmãos de classe, iam tomar a direcção das escolas da comuna popular.

Em conformidade com a grande directiva do presidente Mao: «NO CAMPO COMPETE AOS CAMPONESES POBRES E MÉDIOS DA CAMADA INFERIOR, OS ALIADOS MAIS SEGUROS DA CLASSE OPERÁRIA, ADMINISTRAR AS ESCOLAS», as 24 brigadas de produção desta comuna realizaram nas escolas um sistema de administração confiando a direcção aos

camponeses pobres e médios da camada inferior e tendo em conta os professores e alunos revolucionários. O facto de terem corajosamente subido ao palco do ensino pôs fim ao reinado dos intelectuais burgueses nas nossas escolas e veio transformar radicalmente a educação nas regiões rurais.

1 — O PAPEL DOS CAMPONESES POBRES E MÉDIOS DA CAMADA INFERIOR NA TRANSFORMAÇÃO DO ENSINO

A grande revolução cultural proletária atirou-se ao combate da linha revisionista em matéria de ensino. A directiva do presidente Mao: «UMA REVOLUÇÃO DEVE SER FEITA NO ENSINO» entusiasmou os camponeses pobres e médios da camada inferior bem como os professores e alunos revolucionários da comuna popular de Choueiyuan e incitou-os a reflectir. Como fazer esta revolução no ensino? No início alguns professores pensaram que, sendo os camponeses pouco instruidos e estranhos ao ensino, bastaria compor um programa e fazê-lo adoptar pelas brigadas de produção. Encerraram-se dentro de quatro paredes e trataram de pôr em ordem um novo programa e compilar textos. Alguns houve que se contentaram, muito simplesmente, com os antigos manuais, acrescentando-lhes aqui qualquer coisa, suprimindo-lhes além algumas linhas e, assim, imaginaram desobrigar-se do trabalho. Os camponeses pobres e médios da camada inferior limitaram-se a abanar a cabeça

dizendo: «Não é uma revolução, é apenas reformismo estéril».

Justamente nessa altura, uma equipa de propaganda do pensamento maotsetung composta por membros do Exército Popular de Libertação (E. P. L.) chegou à comuna popular de Choueiyuan. Desde a chegada, ela ajudou os professores a organizarem-se em grupos de estudo do pensamento maotsetung e convidou-os a debruçarem-se a fundo sobre os ensinamentos do presidente Mao: «OS OPERÁRIOS E CAMPONESES SÃO AS FORÇAS REVOLUCIONÁRIAS FUNDAMENTAIS» e «SE OS INTELECTUAIS NÃO SE LIGAM À MASSA DOS OPERÁRIOS E CAMPONESES, A NADA CHEGARÃO», assim como as recentes directivas do presidente Mao sobre a revolução no ensino. Isto fez compreender aos professores que era necessário, para levar a bom termo a reforma no ensino, sairem das escolas e tornarem-se alunos dos camponeses pobres e médios da camada inferior.

Com a chegada do E. P. L., os professores e alunos revolucionários da comuna foram para as aldeias e para os campos a fim de estudar e aplicar de modo criador o pensamento de Mao Tsé-Tung sobre a educação, criticar e repudiar a linha revisionista de Liu Chao-Chi no mesmo domínio. No decorrer das numerosas reuniões de crítica os membros da comuna popular, baseando-se na sua própria experiência e num grande número de realizações sensacionais, de-

nunciaram e condenaram o antigo e criminoso sistema de ensino.

A antiga direcção das escolas tinha erguido barreiras sobre barreiras diante dos filhos dos camponeses pobres e médios da camada inferior. Porque os seus pais os não podiam ajudar a repetir as lições ou porque tinham de se ocupar na produção e nos trabalhos caseiros, muitos deles não tinham notas satisfatórias. Aproveitando este facto como pretexto, os alunos eram postos fora das escolas. Vejamos o que se passou na escola primária da brigada de produção de Tsiunli. Dos 38 inscritos no primeiro ano, apenas restavam 5 no fim dos seis anos de estudo. Os outros 33 ou tinham repetido ou tinham abandonado. Eram todos filhos ou filhas de camponeses pobres ou médios da camada inferior. Na brigada de produção «1.º de Agosto», para as 28 famílias de camponeses pobres e médios da camada inferior, havia apenas um diplomado do segundo ciclo da escola secundária enquanto que, para a única família de camponeses ricos, havia dois.

Os camponeses pobres e médios da camada inferior, cheios de indignação, protestaram: «Nós, que na antiga sociedade não tínhamos os meios de ir à escola, pensávamos que, depois da libertação, os nossos filhos podiam beneficiar dela. Mas a porta das antigas escolas era feita de vidro: podia-se ver mas não entrar. As escolas continuavam ao serviço dos proprietários e dos ricos que exerceram de facto a sua ditadura sobre nós.»

A educação intelectual prevalecia e as notas sobressaíam na antiga escola. Os manuais não faziam ressaltar a política proletária nem o pensamento de Mao Tsé-Tung, mas estavam atulhados de noções marcadas de feudalismo, capitalismo e revisionismo. A este propósito, constatavam os camponeses pobres e médios das camadas inferiores: «Quanto mais os nossos filhos frequentam tais escolas, tanto mais se afastam da linha revolucionária do presidente Mao, e mais longe estão de nós».

Os camponeses pobres e médios da camada inferior da equipa n.º 5 da brigada Wenkeh tinham enviado uma criança para a escola esperando que ela pudesse trabalhar para eles, logo que terminasse os estudos. Três anos mais tarde ela voltou para a aldeia. Vítima da linha revisionista no ensino, ele não gostava do lugar de contabilista que os membros da equipa lhe tinham confiado e as contas que apresentava eram feitas sem o mínimo de senso. Com tristeza, os camponeses pobres e médios da camada inferior diziam: «É uma planta vigorosa, apodrecida na antiga escola».

Como é que tais problemas tinham podido aparecer? Este enigma apenas foi decifrado durante o desenrolar da grande revolução cultural. Era Liu Chao-Chi, esse traidor, que tinha feito dominar as nossas escolas por intelectuais burgueses e exercia a ditadura sobre os camponeses pobres e médios da camada inferior.

A grande crítica revolucionária mostra que o amor

destes pelo presidente Mao é profundo, o seu ódio para com a linha revisionista implacável e, consequentemente, que têm pleno direito a emitir as suas opiniões sobre a reforma do ensino nas regiões rurais.

2 — COMO DIRIGEM OS CAMPONESES A ESCOLA

Os camponeses pobres e médios da camada inferior devem dirigir as escolas nos campos! A directiva do presidente Mao, como um trovão primaveril, chamou-os à acção. As diferentes brigadas da comuna popular de Choueiyuan enviaram para as escolas equipas de propaganda do pensamento maotsetung. Um comite de revolução do ensino substituiu o director, que era o único responsável da escola. O presidente e o vice-presidente deste orgão de direcção são escolhidos entre os camponeses pobres e médios da camada inferior que ocupam mais de metade dos lugares. Os professores e alunos revolucionários estão igualmente representados. Assim, os camponeses pobres e médios da camada inferior retomaram o poder nas escolas. Os novos dirigentes consideram como tarefa extremamente importante a destruição do antigo sistema de ensino e a criação dum novo. «A ESCOLARIDADE DEVE SER REDUZIDA.» Em conformidade com este ensinamento do presidente Mao, reduziram de três anos a duração dos estudos primários e secundários que era de 12 anos. Diligentes e económicos como ensina o presidente Mao, eles criaram 20 escolas com a escolaridade de 9 anos e

racionalmente repartidas, sem aumentarem o pessoal docente nem comprarem mais material. Os filhos dos camponeses pobres e médios da camada inferior podem frequentar a escola mais próxima da sua aldeia. Segundo o novo sistema, uma criança que entre para a escola com a idade de seis ou sete anos, não terá portanto, ao fim de 9 anos de estudos, mais do que 15 anos. É justamente a idade de se iniciar no trabalho produtivo. Depois de algum tempo de trabalho prático, alguns serão enviados para as escolas superiores. Muito satisfeitos com este novo sistema de educação, os camponeses dizem: «Nunca antes houve escolas secundárias nas nossas aldeias. Devêmo-las ao presidente Mao, nosso grande dirigente, que nos cumula de atenções.

O princípio fundamental «PÔR A EDUCAÇÃO AO SERVIÇO DA POLÍTICA DO PROLETARIADO E COMBINAR O ENSINO COM O TRABALHO PRODUTIVO» é vivamente seguido na prática. Tendo em consideração as necessidades da luta de classes e a luta pela produção nas regiões rurais, foi decidido que as disciplinas de base seriam: política, chinês, matemática, conhecimentos agrícolas fundamentais, educação física sob a forma de exercícios militares. A física, a química e a biologia serão introduzidas no 7.º ano. Em todas as turmas estão previstas actividades culturais.

Os cursos de política são consagrados ao estudo e à aplicação das obras do presidente Mao. Em nove anos de estudo o aluno deve ler completamente as

Obras escolhidas de Mao Tsé-Tung. Os textos mais importantes devem ser reiteradamente estudados. Devem ter lugar regularmente «reuniões de estudo e aplicação» durante as quais os alunos falam do que aprenderam nos seus estudos, dos progressos na transformação da sua concepção do mundo à luz do pensamento de Mao Tsé-Tung. Os membros da comuna popular sabem que o amor ao trabalho é uma das qualidades inerentes aos camponeses pobres e médios da camada inferior e que os seus filhos não devem afastar-se do trabalho produtivo. Consequentemente, as férias foram suprimidas. Nove meses são consagrados ao estudo na escola enquanto que durante os três outros meses do ano, os alunos participam no trabalho produtivo e na prática social.

Os camponeses pobres e médios da camada inferior sabem como formar a sua jovem geração. O tio Li explicou-o muito bem: «As nossas escolas não têm por fim transformar os nossos filhos em **senhores** ou **dirigentes** mas em trabalhadores vermelhos totalmente devotados à edificação socialista e fieis aos princípios de conduta dos camponeses pobres e médios da camada inferior.»

Não há limite de idade para entrar nas escolas. Para os exames, podem os alunos escolher as questões, levar os seus livros para consultar e proceder a debates e discussões. Os professores procuram dar uma ajuda suplementar àqueles que tenham dificuldades nos estudos. Aos melhores é permitido saltar de classe.

É regra nas escolas convocar, de duas em duas semanas, uma reunião que possibilita aos alunos darem a sua opinião sobre o ensino, aos professores fazerem reparos aos alunos e, a ambos, procederem às suas auto-críticas. Uma tal prática de encorajamento mútuo permite, tanto aos alunos como aos professores, os maiores progressos.

3 — COMO EDUCAM OS CAMPONESES A JOVEM GERAÇÃO

Em dois de Setembro último, uma atmosfera solene reinava na escola da brigada Wenkeh. Por toda a parte se viam slogans «Recordemo-nos sempre da opressão de classe, nunca esqueçamos os nossos sofrimentos de sangue e lágrimas!» e «Não esqueçamos nunca o Partido Comunista a quem devemos a nossa libertação, não olvidemos nunca o presidente Mao a quem devemos a nossa felicidade!» A equipa de propaganda do pensamento maotsetung da escola tinha convidado 17 velhos camponeses que tinham suportado uma opressão e uma exploração crueis na antiga sociedade, para darem uma lição sobre a luta de classes. Começaram por comer, com os professores e alunos revolucionários, uma «refeição evocando os sofrimentos do passado» composta por um caldo preparado com folhelho e raizes de legumes selvagens, alimento dos camponeses oprimidos na antiga sociedade. Depois, os velhos camponeses contaram a sua amarga experiência, o modo como tinham sido im-

piedosamente oprimidos e explorados. Cada uma das suas palavras emocionou profundamente os auditores e deu-lhes uma educação de classe das mais vivas. Fez-se o mesmo nas outras escolas. Os camponeses contaram aos jovens a história das aldeias, das suas famílias, compararam a sua vida feliz de hoje com a miséria de outrora. Para assistir aos **meetings** de crítica revolucionária realizada nas aldeias contra o inimigo de classe, as equipas de propaganda escolhiam os alunos originários dessas localidades para que nunca esquecessem a luta de classes.

No campo, a luta de classes e a luta pela produção são as matérias de ensino mais animadas e melhores. Os camponeses pobres e médios da camada inferior são os melhores professores. As escolas não só permitem a saida dos alunos para receberem um ensinamento, mas também convidam membros da comuna possuidores duma rica experiência prática para darem aulas. Por exemplo, conferências sobre as obras do presidente Mao foram pedidas a elementos activos no estudo e aplicação prática do pensamento de Mao Tsé-Tung; o treino militar foi confiado aos chefes de companhia da milícia popular; cursos sobre os conhecimentos agrícolas de base foram dados por camponeses veteranos e agro-técnicos.

Os camponeses, tomando parte na administração das escolas, experimentam profundos sentimentos proletários pelos alunos e ajudam-nos a elevar o seu nível ideológico.

Wang Yong-Kia, aluno do quarto ano, era considerado como o «pior» da aula porque não gostava de estudar e discutia constantemente com os professores. O tio Tchen, velho camponês pobre que se ocupava da escola, reflectiu maduramente no seu caso. Recordou-se ainda do tempo em que o pai de Wang Yong-Kia, fugindo à fome, chegou a Choueiyuan carregando uma criança, seu filho mais novo nessa altura, dentro duma cesta pendurada na ponta da vara. Este rapaz é um descendente de camponeses pobres e médios, é necessário educá-lo. Nessa mesma noite, Tio Tchen foi fazer uma visita à família Wang. Os pais, o rapaz e o Tio Tchen evocaram os sofrimentos amargos da antiga sociedade.

«Durante gerações, ninguém na tua família teve possibilidades de frequentar a escola», disse o Tio Tchen a Yong-Kia. «Na antiga sociedade, os teus dois irmãos mais velhos nem mesmo ousavem espreitar pela porta duma escola. Tu, tu vives na sociedade nova e, graças ao presidente Mao, podes ir à escola. Como poderás tu corresponder às esperanças que o presidente Mao põe em ti se não estudas com aplicação?» A conversa prosseguiu até bem tarde na noite.

No dia seguinte, a primeira coisa que fez Wang Yong-Kia foi procurar Tio Tchen e dizer-lhe o que lhe ia no coração: «Na antiga escola, o que se ensinava não me interessava e além disso os mestres não eram simpáticos para comigo. Por isso estava-me nas tintas. Mas agora, na escola nova, prometo ouvir o presidente Mao e tornar-me um aluno dos cinco méritos.»

Os camponeses, administrando as escolas, nunca ficam no gabinete. Vão para as aulas ou para os trabalhos manuais com os alunos. Se a sala está suja eles varrem-na. Se os bancos e carteiras necessitam de reparação, eles fazem-na sem demora. Vê-mo-los com frequência sentados debaixo duma árvore ou ao pé de um muro, a estudar as obras do presidente Mao com os alunos e professores revolucionários ou a falarem com eles francamente. Este estilo de trabalho revolucionário constitui só por si uma boa educação para os professores e alunos.

4 — ESCOLAS NOVAS, ESPÍRITO NOVO

A revolução proletária no ensino deu às escolas da comuna popular de Choueiyuan um aspecto totalmente novo.

Este sistema de nove anos beneficia do apreço e da confiança dos camponeses pobres e médios da camada inferior. Foi com prontidão que enviaram os seus filhos à escola. Não só todas as crianças com idade escolar se inscreveram, como também algumas que ainda a não tinham atingido e ainda aqueles que, por diversas razões, tinham abandonado a escola. O número de turmas aumentou 26 e o das inscrições mais de um milhar. Os professores e alunos revolucionários põem em primeiríssimo lugar o estudo das obras do presidente Mao. Através do estudo e aplicação prática destas obras, eles amam mais do que nunca o nosso grande dirigente.

Com o firme apoio dos camponeses pobres e médios da camada inferior, os alunos também sobem ao estrado professoral. Mestres e alunos ensinam-se mùtuamente, ajudam-se e progridem juntos. Estão juntos para os estudos, para os trabalhos manuais, para a crítica revolucionária, para os exercícios físicos e actividades culturais. Nas sessões organizadas para troca de experiências no estudo e aplicação prática das obras do presidente Mao, os mestres também criticam os próprios erros e combatem o seu conceito do «eu» diante dos alunos, integrando-se assim inteiramente nestes. Nunca as relações entre professores e alunos foram tão estreitas.

Agora, metade dos professores das antigas escolas toma parte no trabalho manual das equipas de produção e aceita ser reeducado pelos camponeses pobres e médios da camada inferior, enquanto que a outra metade ensina nas escolas. Os dois grupos permutam depois dum certo tempo. O novo sistema de educação libertou os alunos do mundo restrito das salas de aula. Atiraram-se para a vasta prática da revolução e da produção. A época em que os jovens «permanecem surdos ao que se passa fora e concentram o seu espírito a estudar os livros dos sábios está para sempre acabada. A nova geração da comuna popular de Choueiyuan avança a passo acelerado segundo a orientação indicada pelo presidente Mao: «FORMAR-SE NO PLANO MORAL, INTELEC-

TUAL E FÍSICO A FIM DE SE TORNAREM TRABALHADORES CULTOS, COM UMA CONSCIÊNCIA SOCIALISTA».

B — A EXPERIÊNCIA DUMA PROFESSORA RURAL

Por Tcheou Ming-Houa

Antes da libertação, na nossa pobre aldeia de Tangtong, a porta da escola estava perfeitamente aberta para duas famílias de grandes proprietários rurais, mas permanentemente encerrada para os camponeses pobres e médios da camada inferior. Após a libertação e devido à linha revisionista contra revolucionária no ensino aplicada pelo renegado Liu Chao-Chi e seus agentes na província de Kiangsou, numerosos eram ainda os filhos de camponeses pobres e médios da camada inferior que não podiam ir à escola. Pelos fins de 1964, a brigada de Tangtong decidiu estabelecer uma escola primária metade estudos metade trabalhos agrícolas, convidando-me para ser a sua professora. Eu apenas tinha estudado um mês na escola secundária e, além disso, há sete

anos que estava empenhada no trabalho agrícola; tinha esquecido muitas coisas. Como poderia, assim, tornar-me professora? Portanto, apesar da insistência da brigada, eu não quis aceitar. Mais tarde, um camponês pobre disse-me: «Ming-Houa, antes da libertação nós, os camponeses pobres e médios da camada inferior, sofremos tudo por parte dos proprietários das terras. Estes diziam que éramos iletrados de pais para filhos e não valíamos mais do que os animais. Tu deves desmentir os seus falatórios e elevar a nossa moral!» Estas palavras fizeram-me reflectir. Antes da Libertação a minha família passava constantemente fome. Sem o Partido comunista e o presidente Mao, como teria podido receber uma certa instrução e tornar-me no que sou hoje? Filha de camponeses pobres, eu devia recordar-me sempre dos sofrimentos de classe. Um outro camponês pobre disse-me: «Se nós te encarregamos desta tarefa, não é tanto para que ensines a ler os nossos filhos mas sobretudo para que te encarregues da direcção dos assuntos culturais». Ajudada por toda a gente, acabei por me desfazer dos escrúpulos e tomei a resolução de me encarregar deste fardo, se é que o era, para servir os camponeses pobres e médios da camada inferior.

1 — MODIFICAÇÕES RADICAIS NA ESCOLA: HORÁRIOS, IDADE ESCOLAR, PERÍODOS DE MATRÍCULA, ETC.

A escola foi posta a funcionar. Mas, das sessenta e tal crianças com idade escolar, sòmente se inscreveram umas vinte e mesmo estas não vinham regularmente. Para tentar compreender, abri o precioso livro vermelho das **Citações do presidente Mao Tsé-Tung.** Nele li: «AS MASSAS SÃO OS VERDADEIROS HERÓIS AO PASSO QUE NÓS SOMOS MUITAS VEZES DUMA INGENUIDADE RIDÍCULA; SE NÃO COMPREENDERMOS ISSO SER-NOS-Á IMPOSSÍVEL ADQUIRIR CONHECIMENTOS MESMO OS MAIS ELEMENTARES.» Tomei então a decisão de visitar os camponeses pobres e médios da camada inferior e de frequentar com sinceridade a sua escola.

Um dia fui a casa de Tcheou Kien-Ying, filha de camponeses pobres e que frequentemente faltava às aulas. Sua mãe disse-me: «Agora que o presidente Mao fez abrir uma escola para nós, quem não desejaria mandar para ela os seus filhos? Mas, no nosso caso, é necessário alguém para se ocupar da nossa filha mais nova. Se Kien-Ying for à escola, eu não poderei ir para os campos.» Lembro-me do ensinamento do presidente Mao: «TODOS, NAS FILEIRAS DA REVOLUÇÃO, DEVEM CUIDAR UNS DOS OUTROS; AMAR-SE E ENTREAJUDAR-SE.» Sou um melão ligado ao mesmo caule que os camponeses po-

bres e médios da camada inferior, digo eu. As suas dificuldades são também as minhas. No dia seguinte, bem cedo, fui buscar Kien-Ying a casa e, trazendo a sua irmãzinha ao colo, levei-a para a escola. A partir de então, autorizei os alunos a virem para a escola com os seus irmãos mais novos. Também não voltaram a faltar às aulas.

Entretanto, nem todas as crianças em idade escolar vinham à escola. Perguntava-me porquê. Num dia de chuva, fui visitar Tchen Tsai-Kieou, também filha de camponeses pobres. Sua mãe disse-me: «Sou delegada das mulheres. Sou analfabeta e não posso tomar notas quando escuto um relatório nem ler as instruções para utilizar os insecticidas. Gostaria imenso que Tsai-Kieou fosse à escola. Mas as aulas são a horas fixas e é preciso alguém para tratar do trabalho caseiro!»

— Deixa Tsai-Kieou ir à escola, disse-lhe eu. Que venha quando puder e eu ocupar-me-ei imediatamente dela.

Alguns dias depois, Tchen Tsai-Kieou, muito contente, veio à escola.

Andei de casa em casa para saber o que pensavam os camponeses pobres e médios da camada inferior. Deles ouvi: «As inscrições apenas se fazem uma vez por ano. Mesmo que a criança tenha quase a idade exigida, tem todavia de esperar pelo ano seguinte para poder ir à escola.» «Os nossos filhos já não são novos e, atendendo à longa duração dos estudos, que idade teriam eles quando os terminassem?» «No período de maior actividade no campo, as crianças vão para as aulas; quando o trabalho diminui, estão em férias.» Estas palavras foram outras tantas frechas disparadas contra a linha revisionista no ensino e deram-me uma profunda lição. Em conformidade com os ensinamentos do presidente Mao e com as opiniões dos camponeses pobres e médios da camada inferior, introduzi modificações radicais ao serviço dos camponeses. Doravante, não há mais limite de idade para as inscrições e estas são sempre aceites em qualquer altura do ano; as crianças podem estudar durante o dia, só meio dia, ou apenas à noite; para os que faltarem às aulas, a professora vai a suas casas a fim de os ajudar a apanhar os outros; estando suprimidas as férias de verão e de inverno, a escola só está fechada durante os períodos de maior actividade agrícola e na Festa da Primavera; um horário maleável permite que os alunos se consagrem inteiramente aos estudos durante a estação morta, tenham maior liberdade quando os trabalhos agrícolas começam a tornar-se prementes e fiquem nos campos no período de maior actividade; a duração dos estudos que era de seis anos foi reduzida de um ano, etc. Muito contentes, os camponeses pobres e médios da camada inferior, enviaram-me os seus filhos dizendo: «Uma tal escola é que nós precisávamos. Obrigado ao presidente Mao e ao partido comunista.

2 — PROBLEMAS DISCIPLINARES E IDEOLÓGICOS

Alguns alunos eram muito travessos, batiam-se e faziam barulho troçando da disciplina. Todas as minhas exortações ao bom comportamento eram em vão. Não sabendo o que fazer mais, fui consultar os camponeses pobres e médios da camada inferior que imediatamente puseram o dedo na ferida: «Estes garotos agora têm a sorte de ir à escola. Se a não sabem apreciar é porque não sofreram na antiga sociedade. Para os fazer observar a disciplina, é necessário dar-lhes uma educação de classe.» Que preciosa oração! Convidei então velhos camponeses pobres para virem comparar as amarguras do passado com a doçura do presente. Em seguida estudei com os alunos os «três textos mais lidos» do presidente Mao. Tendo compreendido que se instruiam para a revolução, submeteram-se à disciplina.

Formada numa escola de tipo antigo, eu fui mais ou menos contaminada pela educação burguesa. Adoptei as velhas matérias e os antigos métodos de ensino. Os camponeses pobres e médios da camada inferior diziam-me: «Ming-Houa, o presidente Mao pediu-te que formasses para nós trabalhadores cultos com uma consciência socialista. Mas os teus alunos não sabem ler os livros do presidente Mao, nem servir-se do ábaco para fazer as contas. Para que podem eles ser úteis?» Estas palavras deram-me uma profunda lição e levaram-me a estudar de forma re-

petida a directiva de 7 de Maio do presidente Mao. Modifiquei as matérias e os métodos de ensino em vigor até então. Um curso, incidindo sobretudo na educação de classe. é agora consagrado às citações do presidente Mao. Nos cursos de cultura geral a política proletária é posta em primeiro plano: no primeiro ano aprende-se os caracteres de uso corrente no campo; no 2.° ano, cálculo com o ábaco; no terceiro ano desenvolvimento de temas e registo de contas. Como faltassem manuais adequados, comecei a redigi-los. Para reforçar a revolucionarização ideológica dos alunos, com a sua ajuda, organizei estágios de estudo do pensamento de Mao Tsé-Tung, combati o egoísmo e repudiei o revisionismo, levei avante o movimento de tripla fidelidade (ao presidente Mao, à sua linha revolucionária proletária e ao pensamento de Mao Tsé-Tung). Além disso, levei-os a participar na revolução cultural e a criticar a ideologia burguesa para os temperar e aguerrir na tempestade da luta de classes. A meu pedido, alguns velhos camponeses pobres tornaram-se professores para a educação de classe, produção agrícola, cálculo com o ábaco, contabilidade e treino militar. Todas estas inovações foram bem acolhidas pelos camponeses pobres e médios da camada inferior.

3 — AS AMEAÇAS E AS DIFICULDADES SUSCITADAS PELA LINHA REVISIONISTA

A revolução no ensino é uma revolução profunda,

uma luta encarniçada entre a linha revolucionária proletária do presidente Mao e a linha revisionista contra revolucionária em matéria de educação.

Em Maio de 1966, respondendo ao desejo dos camponeses pobres e médios da camada inferior, fiz do estudo das **Citações do presidente Mao Tsé-Tung** o curso principal. Como era difícil nessa época encontrar a brochura nas livrarias, eu passei-a ao copiógrafo. Os responsáveis comprometidos na via capitalista e outros inimigos de classe, tentaram sabotar o meu empreendimento. «Nunca se viram escolas sem manuais», diziam eles fazendo troça. Foram até ao ponto de aconselhar os alunos a fazerem greve às aulas. Mas os camponeses pobres e médios da camada inferior encorajaram-me: «O presidente Mao é o nosso emancipador. Que livros leríamos nós se não lêssemos os seus?» Revigorada com o seu apoio, não temi mais nada. Durante a segunda metade de 1967, o inimigo de classe lançou um novo ataque à nossa escola qualificando de «reformismo» e de «remendo» a revolução do ensino que nós tínhamos empreendido. Posta perante esta dura prova, voltei-me uma vez mais para as **Citações do presidente Mao Tsé-Tung** e nelas li: «ESTE EXÉRCITO CAMINHA SEMPRE EM FRENTE, INTRÉPIDO E DECIDIDO A TRIUNFAR SOBRE QUALQUER INIMIGO. NUNCA SE DEIXARÁ SUBMETER». Os camponeses pobres e médios da camada inferior encorajaram-me a não ter medo e a defender heròicamente a linha revolucionária do presidente Mao. O ensinamento do presidente Mao e o apoio dos camponeses pobres e médios da camada inferior reforçaram a minha vontade e reafirmaram a minha confiança, permitindo-me continuar a avançar na direcção correcta. Se tinha problemas ideológicos no decurso da revolução do ensino, os camponeses pobres e médios da camada inferior ajudavam-me; se encontrava dificuldades, apoiavam-me; se cometia erros, criticavam-me e, quando o meu modo de agir estava correcto, encorajavam-me.

Alimentados pelo pensamento de Mao-Tsé-Tung e dirigidos pelos camponeses pobres e médios da camada inferior, os alunos cresceram ràpidamente na luta de classes e o seu estado de espírito conheceu uma modificação radical. Por exemplo Wang Houei-Lin, filho de camponeses pobres, participa activamente na produção depois das aulas. Durante a época das colheitas, estando as escolas fechadas, os alunos rebuscam os campos e levam as espigas de trigo que encontram às diferentes equipas de produção. Tudo isso sem pedirem qualquer remuneração. Eles dizem: «Os continuadores da causa revolucionária trabalham para a revolução e não para as recompensas.»

Ainda não há muito tempo, o presidente Mao ensinou-nos: «NO CAMPO COMPETE AOS CAMPONESES POBRES E CAMPONESES MÉDIOS DA CAMADA INFERIOR, OS ALIADOS MAIS SEGUROS DA CLASSE OPERÁRIA, ADMINISTRAR AS ESCOLAS.» Comprometo-me a seguir o ensinamento

do presidente Mao, a apoiar-me resolutamente, para gerir a minha escola, nos camponeses pobres e médios da camada inferior e a servi-los total e inteiramente.

III

O ENSINO SECUNDÁRIO

A — AS GRANDES LINHAS DA REVOLUÇÃO NO ENSINO SECUNDÁRIO

A Decisão do Comité Central do Partido Comunista Chinês sobre a grande revolução cultural proletária (8 de Agosto de 1966), redigida sob a direcção pessoal do presidente Mao, diz: «Reformar o antigo sistema de educação, bem como os antigos princípios e métodos de ensino, é tarefa de extrema importância da grande revolução cultural proletária em curso.»

Nesta revolução sem precedentes para a reforma do antigo sistema de educação, os proletários revolucionários em todo o país adoptam como programa supremo a Directiva de 7 de Maio do presidente Mao: «OS ESTUDANTES, CONSAGRANDO-SE PRINCIPALMENTE AOS ESTUDOS, DEVEM ADQUIRIR AO MESMO TEMPO OUTROS CONHECIMENTOS. ISTO É, DEVEM INSTRUIR-SE NÃO SÓ NO PLANO CULTURAL, MAS IGUALMENTE NOS PLANOS INDUS-

TRIAL, AGRÍCOLA E MILITAR; DEVEM TAMBÉM CRITICAR A BURGUESIA. A ESCOLARIDADE DEVE SER REDUZIDA E UMA REVOLUÇÃO DEVE SER LEVADA A CABO NO ENSINO. O DOMÍNIO DAS NOSSAS ESCOLAS PELOS INTELECTUAIS BURGUESES NÃO PODE DURAR MAIS.» Com a ajuda do E. P. L., os revolucionários proletários continuam a dar prova de espírito revolucionário consistindo em ousar pensar, falar, agir e desbravar, enveredam por caminhos nunca antes trilhados e empreendem acções jamais efectuadas até então. Inspirados no ensinamento do presidente Mao: «NÃO HÁ CONSTRUÇÃO SEM DESTRUIÇÃO, A DESTRUIÇÃO LEVA COM ELA A CONSTRUÇÃO», eles rompem com as velhas convenções, os antigos sistemas, manuais e regulamentos indo ao encontro do presidente Mao Tsé-Tung em matéria de educação. Mostram-se muito audaciosos na prática e na invenção, lutam pela criação dum sistema de ensino proletário absolutamente novo. As reportagens a seguir são dedicadas a este assunto.

N. D. L. R.

1 — QUAL O CURSO MAIS IMPORTANTE?

Em Março de 1967, os professores e alunos da escola secundária de Chekingchan em Pequim voltaram às aulas continuando, todavia, a revolução. Ajudados pelos comandantes e combatentes duma unidade dos

caminhos de ferro do E. P. L., instauraram antes de tudo o curso sobre o pensamento de Mao Tsé-Tung. Todas as classes estabeleceram a regra de estudar diariamente as obras do presidente Mao. Um curso piloto das obras do presidente Mao tem lugar todas as semanas; uma reunião para aplicação criadora das suas obras todos os meses; uma conferência dos elementos activos neste estudo de seis em seis meses. Nesta escola, e no decurso da grande crítica revolucionária da linha revisionista em matéria de educação, mais de 170 pessoas se distinguiram no estudo e aplicação criadoras das obras do presidente Mao; contam-se, além disso, muitas classes e grupos de estudo de vanguarda.

Os alunos são todos de origem operária e camponesa; habitam a região industrial de Chekingchan ou as comunas populares vizinhas. Nutrem um profundo sentimento de classe para com o presidente Mao e, todos os dias, ao chegarem à escola, a primeira coisa que fazem é desejar-lhe uma longa vida. Todas as manhãs consultam as suas obras tendo em vista os problemas concretos surgidos durante a grande revolução cultural proletária e da revolução do ensino. Todas as noites fazem um exame do que se passou durante o dia para ver se as suas ideias, trabalho e estudo estão ou não de acordo com o pensamento de Mao Tsé-Tung.

Os professores e alunos adoptam como tarefa fundamental da revolução do ensino, a colocação deste pensamento no posto de comando. Além do curso pilo-

to das obras do presidente Mao, eles instauraram um curso para combater o egoísmo e refutar o revisionismo e um outro para a educação de classe. O curso de chinês e o de línguas estrangeiras baseiam-se nas obras do presidente Mao. As matemáticas e as ciências são também ensinadas em conformidade com o pensamento de Mao Tsé-Tung, tanto do ponto de vista ideológico como de conteúdo. Ajudados pelos operários da Sociedade Siderúrgica Cheoutou e pelos professores e alunos da escola normal superior de Pequim, alguns professores e alunos revolucionários da escola quebraram a separação das disciplinas e fundiram num só curso a álgebra, a geometria e a trigonometria. Criaram assim, nas suas grandes linhas, um sistema de disciplinas ligado à prática da produção.

Antigamente, os professores gostavam dos alunos dóceis e sempre mergulhados nos livros. Actualmente distinguem-se os bons alunos pela sua consciência socialista elevada, pelo estudo e aplicação criadoras das obras do presidente Mao.

Depois do recrutamento de novos alunos em Novembro de 1967, a Escola Secundária de Chekingchan adoptou o sistema de cursos por turnos — metade dos alunos utiliza as salas de manhã e a outra metade à tarde. Os guardas vermelhos da escola organizaram, fora dos seus cursos e em diversos quarteirões, mais de duzentos grupos de estudo das obras do presidente Mao. Este estudo deve ser ligado à situação nacional e internacional, ao trabalho da es-

cola e da aula, ao pensamento vivo da cada um. Mães participam neles com os seus filhos. Velhos são convidados a falar da cruel exploração de classe que tinham sofrido na antiga sociedade. Estes grupos, além disso, conversam com operários veteranos das fábricas de Chekingchan sobre a situação excelente da grande revolução cultural. Assim, durante e fora dos cursos, na escola como em família, forma-se a pouco e pouco um excelente estilo de estudo, revolucionário, que consiste em estudar as obras do presidente Mao e em agir segundo os seus ensinamentos.

2 — CRÍTICA À LONGA DURAÇÃO DOS ESTUDOS

Para que classe e ao serviço de que classe devemos nós formar continuadores? É este, invariàvelmente, o ponto crucial da luta de morte que se desenrola entre o proletariado e a burguesia na frente do ensino. A escola de Medicina da China, onde os estudos duravam 8 anos, ilustra da melhor maneira a longa escolaridade pregada pelo Khrouchtchev chinês e seus lacaios, para formar os continuadores da burguesia. Criada em 1959, ela herdou pura e simplesmente a prática do **Peking Union Medical College** fundado outrora pelo imperialismo americano; ela era, em todo o país, a escola em que a escolaridade era mais longa e o programa mais pesado.

No quadro do poderoso movimento da revolução na educação, os professores e estudantes revolucionários deste estabelecimento procederam, desde o reco-

meço das aulas, a uma crítica total do antigo sistema. Escreveram **dazibaos** (1) e tiveram reuniões de todas as espécies para condenar o ciclo de oito anos.

Os intelectuais da burguesia tinham-se servido sempre das suas cátedras para travar com o proletariado um combate encarniçado, para lhe disputar a jovem geração. Uma ocasião um professor burguês de medicina geral pegou num estetoscópio, levantou as mãos e disse aos estudantes: «Com isto, vocês podem percorrer o mundo.» Ele pregava de facto o «poder soberano dos conhecimentos», teoria cara à burguesia. «Técnicos» burgueses foram até ao ponto de impelir abertamente os estudantes para a procura da fama.

Um programa sobrecarregado oprimia os estudantes. Nos três anos preparatórios havia tantas horas de matemática, física e química como nas escolas politécnicas, cursos que, na realidade, não são tão

(1) *Dazibao* ou *Tatzupao* é uma espécie de cartaz contendo avisos, proclamações, informações, etc., em grandes caracteres e colocados nas paredes das casas, nas ruas ou, até, traçados no próprio pavimento. Durante a Revolução Cultural, este meio de expressão das massas desempenhou importante papel no incitamento à luta, na denúncia dos «traidores» e na informação sobre o decorrer da própria revolução. Actualmente, encontram-se por todo o país: nas ruas, nos mercados, no interior das fábricas, restaurantes, casas de espectáculo, comunas, aeroportos, estações de caminho de ferro, etc. (N. T.)

necessários ao futuro médico. Nos cinco anos seguintes, retomavam-se os cursos do antigo **Peking Union Medical College**, exigindo em média quinze horas de estudo por dia. No oitavo ano, o do estágio, exigia-se que fossem responsáveis pelos seus doentes durante as 24 horas do dia. Encerrados assim no hospital durante um longo período, os estudantes estavam afastados das massas e não tinham tempo para participar na luta de classes nem no trabalho produtivo.

A partir de 1959 e em oito anos, a Escola de Medicina da China apenas formou 50 médicos, 50 ratos de biblioteca. Na escola das «autoridades» burguesas respeitavam-se numerosos dogmas estrangeiros, ignorava-se a prática e apenas se pretendia atingir os «cumes da sua disciplina». Os licenciados não podiam exercer o seu ofício senão nos grandes hospitais das grandes cidades; nos campos estavam inteiramente desarmados. Além disso, esta escolaridade-maratona prejudicava a saúde dos estudantes. Todos os anos 15% deles tinham de repetir ou abandonar o curso por motivo de doença.

Hoje, os estudantes e professores revolucionários da Escola de Medicina da China estudam com aplicação as directivas do presidente Mao sobre o trabalho médico e a educação. Eles estão resolvidos a reduzir em muito uma tão longa escolaridade e, sobretudo, a deslocar o centro do seu trabalho médico e de saúde para os campos. Eles estudam como transformar de maneira radical os princípios e os métodos do ensino a fim de o ligar à prática e poderem

servir de todo o coração a massa de operários e camponeses.

3 — DA TEORIA À PRÁTICA OU DA PRÁTICA À TEORIA?

Os professores e alunos revolucionários da Universidade de Tongtsi em Changai, avançam ao longo da via luminosa indicada pela directiva de 7 de Maio do presidente Mao. Transbordantes de espírito revolucionário, eles formularam um projecto de reforma das escolas de arquitectura e engenharia civil — uma combinação de escola, centro de estudos e unidade de construção. Neste momento, no local de construção onde se procura executar este projecto, um embrião de sistema de ensino proletário, cheio de vitalidade, faz o seu aparecimento.

Aí, estudantes, operários, professores e elaboradores de projectos estudam juntos as obras do presidente Mao, criticam a linha revisionista em matéria de educação, combatem o seu egoísmo e refutam o revisionismo. Sobre o estrado, soldados do E. P. L. propagam o pensamento de Mao Tsé-Tung, estudantes abrem um debate com os seus professores e os operários com os trabalhadores do centro de estudos. Os estudantes, consagrando-se principalmente aos estudos, instruem-se também nos planos industriais e militar; os operários, pelo seu lado, informam-se nos planos cultural e militar.

Que devemos aprender primeiro, a concepção dos

projectos ou a sua execução? Eis o tema dum debate encarniçado. Aparentemente, tratava-se dum problema de ordem dos cursos mas, de facto era uma luta entre as duas concepções do mundo. Aqueles que defendiam a prioridade da concepção dos projectos pensavam, como estudantes e futuros engenheiros, dever naturalmente começar por aí. O que implicava a primazia dos conhecimentos livrescos. Os soldados do E. P. L. e os operários faziam notar que não se tratava de uma questão de método mas, em último análise, da via a seguir para a revolução do ensino; era necessário decidir o que se devia pôr no primeiro plano: a política ou a especialidade; a prática ou os conhecimentos livrescos.

Os operários disseram aos estudantes: «O presidente Mao confiou-vos a nós, classe operária. Faremos de vocês continuadores do proletariado». Estas palavras significativas tocaram os estudantes no mais fundo do seu coração. «No passado, disseram eles, contaminados pela linha revisionista em matéria de educação, nós concebíamos projectos para nossa própria fama e construíamos solares de individualismo. O presidente Mao ensina-nos em **Da prática:** «OS MARXISTAS PENSAM, EM PRIMEIRO LUGAR, QUE A ACTIVIDADE PRODUTIVA DOS HOMENS CONSTITUI A BASE DA SUA PRÓPRIA ACTIVIDADE PRÁTICA, QUE ELA DETERMINA OUTRA QUALQUER ACTIVIDADE.» A Directiva de 7 de Maio do presidente Mao é um mapa que conduz ao comunismo. Estamos

resolvidos a fazer de nós próprios macadame colocado na via que leva ao comunismo.»

4 — COMO ORGANIZAR OS CURSOS E PREPARAR AS LIÇÕES?

O Instituto de Silvicultura de Pequim retomou as aulas persistindo sempre na revolução. Uma primeira questão se levantou: «Como organizar os cursos?» Professores e alunos não tinham qualquer ideia sobre isso. Consultaram então as obras do presidente Mao. O nosso grande dirigente indicou em **Contra o culto do livro**: «NÃO CONSEGUEM RESOLVER UM PROBLEMA? POIS BEM! IDE INFORMAR-VOS DO SEU ESTADO ACTUAL E DO SEU PASSADO HISTÓRICO! QUANDO TIVEREM FEITO UM INQUÉRITO APROFUNDADO, SABERÃO COMO RESOLVÊ-LO.» Foram então investigar nas fábricas e explorações florestais. Depois organizaram discussões e reuniões de crítica.

A iniciativa pertenceu aos estudantes da secção de exploração florestal. Eles fizeram esta proposta audaciosa: um novo sistema de ensino deve ser centrado na luta de classes, deve considerar a luta pela produção como linha directiva e, com base nestes princípios, organizar o «encadeamento» das especialidades e dos cursos fundamentais de modo que estudantes, professores e operários participem todos no ensino. A sua proposta encontrou um apoio caloroso por parte de todos os estudantes, professores e operários

revolucionários da escola.

Grupos encarregados da preparação dos cursos, compostos por estudantes, professores e operários revolucionários, constituiram-se uns após outros, em numerosas turmas. Dirigem o funcionamento do ensino e fazem investigações neste domínio. Completam-se mùtuamente, aprendem uns com os outros e aperfeiçoam-se em conjunto.

Seguindo o ensinamento do presidente Mao: «A EDUCAÇÃO DEVE ESTAR AO SERVIÇO DA POLÍTICA DO PROLETARIADO E COMBINAR-SE COM O TRABALHO PRODUTIVO», o sistema de «encadeamento» coloca a política no posto de comando, de direcção e permite que os estudantes se formem ao mesmo tempo nos planos moral, intelectual e físico e se tornem assim trabalhadores cultos com uma consciência socialista. O programa compreende educação de classe, trabalho manual e educação profissional.

A luta de classes é o curso principal; nele todo o ensino deve estar baseado. Tomemos, por exemplo, a turma B da secção de marcenaria promovida em 1963: os estudantes foram às oficinas de marcenaria de Pequim para seguirem um curso sobre aglomerados. Na primeira lição, convidaram os operários a falar primeiramente na luta entre as linhas proletária e burguesa nesta indústria e sòmente depois a ensinar-lhes o processo de fabrico dos aglomerados. Os estudantes ficaram muito satisfeitos: «Cada lição incide, ao mesmo tempo, sobre a luta de classes e

sobre a luta pela produção. É maravilhoso!»

A participação no trabalho manual é obrigatória. Professores e estudantes vão trabalhar para as comunas populares, para as explorações florestais, para as fábricas; além disso, fazem com regularidade trabalho manual no curso do ensino profissional. Isto permite-lhes frequentar a escola dos operários e camponeses, melhor refundirem a sua ideologia, comprometerem-se neste objectivo: a fusão dos intelectuais com a massa de operários e camponeses.

O ensino por «encadeamento» liga estreitamente a instrução à produção. Baseando-se nas particularidades de cada especialidade e no progresso da produção, este ensino suprimiu os cursos e as matérias não adaptadas à prática, reduzindo assim a duração dos estudos e os efectivos do corpo docente. Combina-se ensino na aula e ensino na produção. O princípio «A PRÁTICA, O CONHECIMENTO, DEPOIS DE NOVO A PRÁTICA E O CONHECIMENTO» é aplicado em todo o processo. O ensino na produção, factor principal, acompanha-se de estudos pessoais e de discussões na aula. Antes de cada lição prepara-se um plano a partir da prática; depois a lição tem lugar numa unidade de produção e a seguir é discutida e analisada na aula .Os conhecimentos sensitivos adquiridos são então elevados ao nível de conhecimentos racionais. Volta-se em seguida à prática para examinar a validade destes, fazer o balanço e preparar enfim o plano da lição seguinte. Esta prática e èste conhecimento repetidos não deixam de

enriquecer e melhorar os cursos. É desta maneira que os grupos encarregados de os preparar redigem o novo manual.

O sistema de «encadeamento» combina, por outro lado, os cursos de base e de especialidade com a prática. Os alunos de exploração florestal, por exemplo, desde a sua inscrição na escola, devem começar por aprender as técnicas necessárias ao trabalho florestal e sòmente em seguida as teorias indispensáveis. «Esta maneira de aprender é verdadeiramente viva», dizem os estudantes. «Ela permite-nos uma melhor retensão das lições, um aperfeiçoamento mais rápido e a possibilidade de pôr em prática aquilo que nos ensinam.»

5 — RELAÇÕES ENTRE PROFESSORES, ALUNOS E TRABALHADORES

«OS OFICIAIS ENSINAM OS SOLDADOS, OS SOLDADOS ENSINAM OS OFICIAIS E OS SOLDADOS ENSINAM-SE MUTUAMENTE.» Eis uma brilhante tese do nosso grande dirigente, o presidente Mao; uma boa tradição do nosso E. P. L.. A escola secundária de Tsaotchangti em Pequim, seguindo este método democrático de ensino, quebrou as amarras do antigo sistema de educação; abandonou o velho método de «o professor fala, os alunos ouvem» e criou um novo: doravante professores e alunos instruem-se mutuamente, sobem uns e outros ao estrado.

Primeiro método: Professores e alunos preparam em conjunto uma lição e dão-na ambos, o que lhes permite completarem-se mutuamente e evidenciarem o seu saber. Para uma lição de agrimensura, o professor propôs, às três turmas do segundo ano do primeiro ciclo, um método livresco. Os alunos propuseram outro tirado da sua prática que se demonstrou muito mais fácil de aprender e aplicar. Inspirando-se nisto, o professor saiu da aula, dirigiu-se ao campo para consultar os camponeses veteranos. Procedeu às medições com os seus alunos ao mesmo tempo que estudava e discutia. «Este método combina a teoria e a prática. Aprendemos depressa. Ajuda-nos a fixar as lições. Além disso, podemos pôr em prática os conhecimentos adquiridos», dizem os alunos.

Segundo método: Um aluno dá a lição, o professor complata-o e ajuda-o a fazer o resumo. Se um aluno é capaz de explicar uma lição, o professor confia-lha; se ele não a conhece a fundo, o professor ajuda-o a prepará-la e depois dá a lição com ele. Assim, o poder de iniciativa dos alunos pode ser plenamente aproveitado. Por exemplo, um aluno da turma A do terceiro ano do primeiro ciclo foi encarregado de dar uma lição, para o curso de física, sobre lâmpadas fluorescentes. O professor deixou-o totalmente à vontade. Como não compreendesse o princípio das lâmpadas fluorescentes, ele mergulhou neste domínio, consultou electricistas e outros camaradas. Finalmente, com a ajuda do professor, ele poude não só explicar a lição duma maneira viva, como ainda ficar

senhor das técnicas de reparação deste tipo de lâmpadas.

Terceiro método: Professores e alunos têm reuniões democráticas para examinar o ensino tanto do ponto de vista do professor como do dos alunos. Há uma reunião particular no fim de cada lição e uma reunião geral no fim de cada ciclo. Cada uma delas é, na realidade, um teste sobre os resultados do ensino à luz do pensamento de Mao Tsé-Tung, um balanço dos esforços dispendidos para aplicar a linha proletária do presidente Mao em matéria de educação. Os professores e alunos revolucionários podem assim aprefeiçoar-se juntos, enriquecer sem cessar a sua experiência.

Estes métodos pedagógicos estão baseados numa obrigação: ensinar e estudar para a revolução. Eles favorecem o estabelecimento das relações de classe que consistem em velar uns pelos outros, em se amarem e se entreajudarem. Eles mobilizam a iniciativa dos professores e alunos, concentram a sua sabedoria, dão livre curso à sua força criadora. Eles impelem com eficácia a revolução proletária do ensino na sua marcha vitoriosa.

B — A REVOLUÇÃO DO ENSINO NUMA ESCOLA SECUNDÁRIA DE PEQUIM

(pelo grupo encarregado da revolução no ensino da Escola Secundária n.º 31 de Pequim)

Havia já uma boa dezena de anos que ensinávamos matemática, física e química mas foi somente após o desencadear da grande revolução cultural proletária que compreendemos porque e como necessitamos de ensinar.

É certo que nós fizemos os nossos estudos secundários e superiores depois da Libertação mas, nessa altura, a linha revolucionária do presidente Mao no domínio do ensino estava gravemente perturbada pela linha revisionista de Liu Chao-Chi que, fazendo a apologia do individualismo, visava formar uma aristocracia intelectual. Os nossos professores, nunca perguntando a si mesmo que classe social deveriam os seus alunos servir mais tarde, propagavam-nos mui-

tas ideias burguesas tais como «estudar para se tornar célebre» e encorajavam-nos a fazer esforços no futuro para «formar alunos brilhantes e gozar, aquando da reforma, da felicidade de ver florir por toda a parte debaixo do sol os seus pessegueiros e ameixieiras» (1).

Chegou depois a nossa vez de subir ao estrado. Não pensávamos senão em dar aos alunos uma certa bagagem cultural, negligenciando a educação política e ideológica proletária. Não nos apercebíamos de que nos limitávamos a retransmitir o pensamento burguês dos nossos mestres. Por outro lado, os conhecimentos que nós próprios tínhamos adquirido não tinham qualquer ligação com o trabalho, com a prática e com a vida das massas. Aqueles que, entre nós, ensinavam química ignoravam o processo de produção dos adubos químicos e dos insecticidas e os que davam o capítulo de máquinas-ferramenta não sabiam como manobrá-las. Com um livro aberto debaixo dos olhos e diante do quadro, os nossos professores tinham-nos obrigado a copiar um montão de princípios, definições e fórmulas; por nossa vez, com os mesmos, atulhávamos os nossos alunos. Instruídos desta maneira, estes deixavam os bancos da es-

(1) «Ver florir por toda a parte debaixo do sol os seus pessegueiros e ameixieiras», era uma expressão usada no passado para louvar um professor que tinha numerosos ex-alunos a fazerem carreira na sociedade.

cola «cabeça bem cheia mas não sabendo o que fazer com os seus dez dedos» porque o que lhes tínhamos ensinado estava totalmente desligado da prática.

Tais alunos não podiam, evidentemente, abraçar o ideal revolucionário de «LIBERTAR TODA A HUMANIDADE», nem fazer sua a concepção proletária do mundo daqueles que estão decididos a «SERVIR O POVO». Não podiam adquirir conhecimentos verdadeiramente úteis nem, por maioria da razão, tornar-se seguros continuadores da obra revolucionária do proletariado. Então, como não reformar radicalmente este sistema de ensino que, como dizia Lenine, estava destinado «AO ADESTRAMENTO DE LACAIOS SUBMISSOS E APTOS PARA O SERVIÇO DA BURGUESIA»? Como não transformar completamente este estado de espírito dos professores?

E foi por isso que o nosso grande dirigente, o presidente Mao, nos lançou o grande apelo, convidando-nos a «FAZER A REVOLUÇÃO NO ENSINO».

No decurso da Grande Revolução Cultural Proletária, sem precedentes na história, os guardas vermelhos, os professores e alunos revolucionários, erguendo-se contra o antigo sistema de educação, afixaram na nossa escola milhares de jornais em grandes caracteres e realizaram centenas de reuniões de crítica para repudiar a linha revisionista no ensino.

1 — DAR A PRIMAZIA À POLÍTICA

Pelos fins de Outubro de 1968, uma equipa de propaganda do pensamento maotsetung foi enviada para a nossa escola. A primeira coisa que fez, logo que chegou, foi organizar-nos tendo em vista um estudo aprofundado das obras do presidente Mao. Estudando connosco a directiva do presidente Mao: «O PROBLEMA ESSENCIAL NA REFORMA DO ENSINO É O DOS PROFESSORES», ela encorajou-nos a empenharmo-nos activamente na reforma do antigo sistema de ensino no sentido de criar um novo sistema de caracter proletário, necessário à formação dos continuadores do proletariado.

O devotamento indefectível que os operários e militares da equipa de propaganda demonstravam pela obra educativa do partido, a sua solicitude para com os alunos e o ardor na educação dos jovens no espírito do pensamento maotsetung, foram para nós brilhantes exemplos. «As crianças aos dez anos são como as árvores jovens: temos de velar por que cresçam bem direitas» dizia-nos um delegado operário. Para ajudar um aluno turbulento, ele dirigiu-se uma noite a sua casa, apesar do vento e da neve; prodigalizou-lhe mil conselhos e estudou com ele directivas do presidente Mao até uma hora avançada da noite. Graças a este trabalho ideológico, que prosseguiu com muita paciência e minúcia, o aluno progrediu ràpidamente e, em seguida, teve a honra de ser admitido na Guarda Vermelha. O alto sentido das responsabilidades que patenteavam os camaradas operários para com a educação da jovem geração foi para nós rico de ensinamentos. Fez-nos compreender a necessidade de acabar com o antigo sistema de ensino que instruia os alunos sem os educar ideologicamente e de dar a primazia à política do proletariado em todo o trabalho, nomeadamente na reforma do ensino. Só assim os professores e alunos poderiam, pouco a pouco, adquirir a concepção comunista do mundo através do trabalho produtivo e do estudo.

2 — COMO SE ESTABELECE O NOVO CONTEÚDO DO ENSINO

A reforma dos manuais e dos métodos de ensino constitui um elo importante da revolução no ensino. Os manuais usados antes da Grande Revolução abundavam em conhecimentos disparatados, caducos e desligados da prática. As matérias ensinadas, muito numerosas e excessivamente complicadas, pesavam demasiado sobre os alunos que já não sabiam onde pôr a cabeça. O presidente Mao disse: «AS MATÉRIAS ENSINADAS SERÃO RADICALMENTE MODIFICADAS E ALGUMAS DELAS PODERÃO SER ANTES DE MAIS NADA SIMPLIFICADAS». Em conformidade com esta directiva, nós suprimimos os capítulos inúteis dos antigos manuais e apenas conservamos o essencial.

Durante o ano findo, os professores que do nosso grupo ensinam física e química, visitaram mais de

vinte fábricas. O contacto que tiveram com a realidade da produção e as conversas que mantiveram com os operários foram-lhes proveitosas de duas maneiras: não só receberam uma profunda educação ideológica, mas também adquiriram ainda muitos conhecimentos palpáveis. As inumeráveis realizações industriais, científicas e técnicas que viram com os seus próprios olhos, ajudaram-nos imenso a completar e a renovar o conteúdo dos seus cursos. Por exemplo, a técnica de temperar o aço exposta no antigo manual de química datava dos anos 20 do nosso século e foi abandonada há muito tempo no nosso país. Depois de terem consultado os operários veteranos, eles inseriram no novo manual a técnica moderna dos anos 60 usada pelos nossos metalúrgicos na sua corrida para atingir e ultrapassar o nível avançado mundial. Os manuais assim redigidos, darão aos alunos conhecimentos científicos e culturais do nível mais avançado, encorajando-os ao mesmo tempo a escalarem os mais altos pináculos da ciência para o triunfo da revolução.

No que respeita ao ensino dado na aula nós realisámos muitas reformas, a principal das quais consiste em fazer prevalecer o pensamento maotsetung nas matérias de ensino cultural. Com efeito, foi a estas em particular que o presidente Mao fez alusão nas suas instruções respeitantes à revolução no ensino, nomeadamente na sua directiva de «7 de Maio», onde sublinha que os alunos «SE CONSAGRARÃO PRINCIPALMENTE AOS SEUS ESTUDOS». O ensino

cultural dado na aula ocupa mais de 60% do tempo que os alunos passam cada dia na escola e à volta de 70% das horas anuais de estudo. Antes da Revolução Cultural acreditava-se, sem razão, que a educação política só devia ser dada nos cursos de política e que o ensino cultural não tinha nada que se ocupar disso. Na realidade, este desempenha um papel muito importante na formação dos continuadores duma determinada classe e, por isso, constitui um terreno disputado encarniçadamente pela burguesia e proletariado. O vice-presidente Lin Piao disse: «A questão de saber se o proletariado pode ocupar firmemente as posições da cultura e da educação e transformá-las com a ajuda do pensamento maotsetung, é a questão chave para determinar se a Grande Revolução Cultural Proletária pode ser levada até ao fim.» Como preparação para esta «guerra de posições», os operários e militares da equipa de propaganda puseram-se a estudar connosco o ensinamento do presidente Mao: «A NOSSA POLÍTICA NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO DEVE PERMITIR ÀQUELES QUE A RECEBEM FORMAREM-SE NO PLANO MORAL, INTELECTUAL E FÍSICO A FIM DE SE TORNAREM TRABALHADORES CULTOS COM UMA CONSCIÊNCIA SOCIALISTA». Ao mesmo tempo que assim nos recordavam a tarefa fundamental que nos incumbe, mostrando-nos a necessidade de fazer a revolução proletária no ensino para combater e prevenir o revisionismo e consolidar a ditadura do proletariado e para fazer desmoronar os sonhos quimé-

ricos desses imperialistas, revisionistas e reaccionários que põem as suas esperanças na terceira ou quarta gerações futuras. Tomámos então a firme resolução de nos lançarmos audaciosamente no combate para colocar o ensino cultural sob o comando do pensamento maotsetung.

Pondo em comum a nossa inteligência e a nossa energia, estudámos e preparámos colectivamente os nossos cursos. Nós já fazíamos o mesmo antes da Grande Revolução Cultural mas era simplesmente para nos pormos de acordo sobre os progressos do curso, sobre pontos essenciais e difíceis das lições, numa palavra, por questões puramente intelectuais. Agora, quando os professores duma dada matéria preparam o respectivo curso, outros podem vir ajudá-los no seu trabalho. Porque, se cada matéria tem as suas particularidades, o problema político fundamental é comum a todas. Da discussão surgem frequentemente muito boas ideias. É assim que, desde há um ano, nós procedemos com ousadia a numerosas experiências para colocar o ensino das matérias culturais sob o comando do pensamento maotsetung.

Para explicar aos alunos a noção de números positivos e negativos, o professor de matemática tomou, como exemplo, o orçamento da China e o dos Estados Unidos. Citou números mostrando que no nosso país, livre de qualquer dívida interna ou externa, as receitas orçamentais execedem as despesas e o excedente é representado por um número positivo com o sinal «mais». Pelo contrário, o imperialismo americano que pratica a repressão no interior do país e a agressão no exterior, contraiu dívidas internas e externas totalisando várias centenas de milhares de milhão de dólares. Assim, ultrapassando as despesas as receitas, o déficite, inscrito nos livros de contas com números vermelhos, representa um número negativo com o sinal «menos». Traçando no quadro gráficos permitindo melhor patentear a diferença entre os dois orçamentos, o professor não só fez compreender ràpidamente aos alunos a noção de números positivos e negativos, como ainda os ajudou a compreender todo o sentido desta tese clarividente do presidente Mao: «O INIMIGO DESAGREGA-SE CADA DIA MAIS ENQUANTO QUE PARA NÓS A SITUAÇÃO SE TORNA SEMPRE MELHOR», e a ter uma ideia mais concreta da superioridade do mundo socialista.

Ao expor a sua lição sobre combustão e extinção, a professora de química levou os alunos a estudar uma vez mais o seguinte ensinamento do presidente Mao: «AS CAUSAS EXTERNAS CONSTITUEM A CONDIÇÃO DAS MUDANÇAS, AS CAUSAS INTERNAS SÃO A SUA BASE E AS CAUSAS EXTERNAS OPERAM POR INTERMÉDIO DAS CAUSAS INTERNAS». Ela citou a este respeito o exemplo dos operários da escola que, contando com os seus próprios meios, tinham transformado uma caldeira de modo a poderem utilizar os restos da combustão da hulha em vez do carvão ordinário, economizando assim 1.500 kg. de carvão por mês ao estado.

— Porque é que, perguntou ela, os restos de carvão podem arder e a pedra ordinária, nas mesmas condições, não o pode?

— Porque os restos encerram uma certa porção de carvão, isto é, uma causa interna da combustão que não encontramos noutra pedra qualquer.

— E porque é que não conseguimos queimar os restos antes da reconversão da caldeira?

— Porque o forno era muito estreito e não permitia a entrada de oxigénio em quantidade suficiente para atingir o ponto de combustão dos restos ou seja, por outras palavras, o problema da causa externa não estava ainda resolvido».

A professora fez em seguida uma experiência. Mostrou aos alunos três folhas de papel embebidas respectivamente em fósforo, gasolina e terebentina. O papel embebido em fósforo ardeu automáticamente ao contacto com o ar; o de gasolina ardeu logo à aproximação da chama dum fósforo; para que a terebentina ardesse foi necessário um aquecimento prévio. O estudo do ensinamento do presidente Mao: «AS CONTRADIÇÕES QUALITATIVAMENTE DIFERENTES SÓ SE PODEM RESOLVER POR MÉTODOS QUALITATIVAMENTE DIFERENTES» permitiu então aos alunos compreenderem melhor as relações entre as causas internas e externas. E assim, muito naturalmente, passou-se ao capítulo da extinção de incêndios. Uma vez que a combustão exige certas condições, certas causas externas, para a impedir de se produzir, basta eliminar essas causas.

Em seguida, a professora falou dos métodos de utilização dos extintores. Como conclusão, perguntou: «Se, no caso duma agressão desencadeada pelo imperialismo americano ou pelo social-imperialismo contra o nosso país, bens do Estado pegassem fogo, que fariamos nós sem material extintor à nossa disposição? Às respostas dos alunos, todas muito certas, ela acrescentou: «Para salvar os bens do Estado do fogo, heróis houve que não hesitaram em saltar para cima para abafar as chamas com o seu próprio corpo. Como explicar isso sem falar do factor humano que desempenha um papel de primeiro plano ao lado de outras condições necessárias à extinção do fogo?» Finalmente, a aula terminou com o estudo deste ensinamento do presidente Mao: «O HOMEM É O MAIS PRECIOSO DE TODOS OS BENS DO MUNDO. ENQUANTO HOUVER HOMENS, MILAGRES DE TODAS AS ESPÉCIES PODERÃO SER REALIZADOS SOB A DIRECÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA». Eis um exemplo, na nossa opinião, dum curso que, ao mesmo tempo que fornece aos alunos conhecimentos científicos, dá a primazia à política do proletariado.

3 — OS NOVOS MÉTODOS DE ENSINO

No decurso da revolução do ensino, que não cessa de crescer em profundidade, nós empreendemos uma série de reformas a respeito dos métodos de ensino. Nas velhas escolas os alunos decoravam tudo aqui-

lo com que os professores lhes enchiam o cérebro e, longe de serem senhores do estudo, tinham-se tornado escravos dos livros. Depois de termos criticado os antigos métodos de ensino que permaneceram longo tempo fixos e imutáveis, nós prestámos, como o presidente Mao sempre nos ensinara, a maior atenção ao desenvolvimento nos alunos da capacidade de analisar e resolver os problemas. Nós fazemos apelo à iniciativa e ao raciocínio dos alunos, encorajamo-los a fazer pesquisas e estudos guiando-os se necessário. Policopiamos certas lições que distribuimos para estudo e discussão e o papel do professor respectivo limita-se a responder às questões que possam ser levantadas. Algumas vezes, o professor ajuda um ou vários alunos a preparar e a explicar uma lição ao fim da qual ele próprio se encarrega de tirar as conclusões. Durante o último semestre, no terceiro ano, para explicar o capítulo sobre o circuito eléctrico para iluminação, o professor de física foi primeiro consultar um operário electricista com o fim de ligar a teoria à prática; depois, sob a sua direcção, os alunos puseram-se a estudar o texto da lição. Quando terminaram, montaram em conjunto o circuito em questão e, na base da prática, foram dadas explicações que ajudaram os alunos a voltar de novo à teoria. Após duas horas de aula, a maioria dos alunos sabia como montar as lâmpadas eléctricas ordinárias e reparar os interruptores. Recentemente, durante a construção pela escola duma secção de tríodos de cristal de alta frequência, a montagem dos

seis quadros de distribuição e outras instalações eléctricas foi levada a cabo pelos alunos do terceiro ano sob a orientação do professor e dos operários. Vendo que os conhecimentos aprendidos na aula tinham podido ser utilizados na prática, os alunos, muito contentes, disseram: «Estas lições são fáceis de compreender e fixar, são verdadeiramente úteis e é isso que nós queremos!»

Para poder ligar o ensino à produção e à investigação científica e explorar a via de estabelecimento duma escola secundária de tipo novo, vários professores tomam parte, há mais de um ano, no trabalho de produção nas oficinas dependentes da escola. Aí, guiados pelos operários e treinando-se ao mesmo tempo no trabalho produtivo, os professores e alunos empreendem a reforma do ensino e a investigação científica. Esta reforma encontra-se grandemente facilitada pelo facto de eles terem assimilado ràpidamente a técnica produtiva e outros conhecimentos práticos. Outrora, as lições de óptica ocupavam meio semestre do curso de física e apenas se ensinavam noções abstratas, fastidiosas, sem grande valor prático. Agora, além da secção de tríodos de cristal de alta frequência, nós montámos uma oficina de circuitos impressos e uma estação meteorológica e fabricámos nós próprios as instalações de fotografia. O professor de física ensina aos alunos a fotografia dos circuitos electrónicos, a montagem sob o microscópio de certos elementos dos tríodos, a observação telescópia da superfície da lua; isto enriquece con-

sideràvelmente os conhecimentos práticos dos jovens. Por outro lado, como o próprio professor trabalha na oficina de circuitos impressos e assim adquiriu certas experiências na prática produtiva, já não tem grandes dificuldades em ligar a teoria à prática e em fazer-se compreender na aula. Deste modo, os alunos podem assimilar ràpidamente as suas lições de física e pô-las em prática na produção. Ainda mais importante é o facto de que a participação no trabalho produtivo reforça nos alunos o seu amor ao trabalho, aprofunda os seus sentimentos para com o povo trabalhador e, mostrando-lhes o papel indispensável de cada um no conjunto da cadeia de produção, desenvolve neles o espírito colectivo de devotamento total ao interesse público e à revolução. Os professores, pelo seu lado, progridem mais ràpidamente na sua reformulação ideológica.

A visão da jovem geração que cresce vigorosamente sob os raios salutares do pensamento maotsetung alegra-nos no mais profundo de nós mesmos e, ao mesmo tempo, incita-nos a prosseguir com toda a consciência a marcha para completar a nossa gloriosa missão na reforma do ensino.

IV

O ENSINO TÉCNICO E O ENSINO SUPERIOR

A — A REVOLUÇÃO NA UNIVERSIDADE DE TSINGHOUA

No dia 27 de Julho de 1968, em conformidade com o apelo ao combate lançado pelo nosso grande dirigente o presidente Mao e sob a direcção do Partido Comunista Chinês, a primeira equipa de propaganda do pensamento maotsetung na China, composta por operários e combatentes do Exército Popular de Libertação, entrou orgulhosamente na Universidade de Tsinghoua, escola superior de ciências e técnicas de fama nacional, onde os intelectuais estavam em grande concentração, com esta grandiosa missão histórica: «O PROLETARIADO DEVE EXERCER EM TODOS OS DOMÍNIOS A SUA DITADURA SOBRE A BURGUESIA AO NÍVEL DA SUPERESTRUTURA INCLUINDO OS DIVERSOS SECTORES DA CULTURA».

Este acto grandioso, revolucionário, abriu uma nova

era que vê o poderoso exército de operários da indústria, sob a direcção do Partido Comunista, subir à cena política da luta-crítica-reforma nos domínios da superestrutura (1).

Desde há um ano, observando estrictamente as grandes disposições estratégicas do presidente Mao e em resposta ao seu apelo: A CLASSE OPERÁRIA DEVE EXERCER A SUA DIRECÇÃO EM TUDO», esta equipa de propaganda ocupou as posições da cultura e do ensino e empreendeu a transformação destes últimos à luz do pensamento maotsetung. Ela uniu-se aos intelectuais, educou-os e transformou-os. À frente destes ela marchou de vitória em vitória seguindo a linha revolucionária do presidente Mao.

1 — OS OPERÁRIOS E O E. P. L. DECIDEM-SE A INTERVIR NA UNIVERSIDADE

Durante a Grande Revolução Cultural Proletária, os jovens combatentes da Guarda Vermelha, os professores, estudantes, empregados e operários revolucionários da Universidade de Tsinghoua, brandindo a

(1) Uma sociedade é constituida pela base e pela superestrutura. A base é o sistema de economia social num certo estádio de desenvolvimento da sociedade. A superestrutura é a concepção política, jurídica, religiosa, artística, filosófica da sociedade, bem como os organismos políticos e jurídicos correspondentes a esta concepção.

grande bandeira: «TEMOS RAZÃO EM NOS REVOLTARMOS CONTRA OS REACCIONÁRIOS», travaram uma luta heróica contra Liu Chao-Chi, esse renegado agente do inimigo e traidor à classe operária, e contra os seus agentes nesta Universidade. E eles assestaram um golpe fulminante nas forças reaccionárias burguesas. Mas, na continuação, devido à sua falta de espírito consequente e à sua atitude vacilante perante a revolução, a pouco e pouco se foram atolando na lama do fraccionismo burguês o que deixou a Revolução Cultural na Universidade Tsinghoua bem na rectaguarda da evolução da situação geral do país. Nesta universidade, tal como em certos outros estabelecimentos, os factos vieram mostrar que os intelectuais sòzinhos não saberiam levar a cabo a revolução proletária no ensino nem as grandes tarefas históricas da luta-crítica-reforma nos domínios da superestrutura e que, para isso, era necessária a participação dos operários e dos combatentes do E. P. L., bem como a firme direcção da classe operária.

Neste importante momento histórico da Grande Revolução Cultural Proletária o presidente Mao, nosso grande dirigente, lançou à classe operária esta ordem de combate: assaltar os sectores da superestrutura. Isto marcou o impulso do movimento de luta-crítica-reforma na Grande Revolução Cultural Proletária. Foi também uma nova e grande disposição estratégica tomada pelo presidente Mao!

Ouvindo este grande apelo ao combate, os operá-

rios revolucionários da Tipografia Sinhoua de Pequim, que imprimiam dia e noite as obras do presidente Mao, estudaram-no imediatamente, discutiram-no e encontraram-se prontos a agir em conformidade. Declararam: «A directiva do presidente Mao traduz a vontade da classe operária. Estamos decididos a aplicá-la total e firmemente!»

Nessa mesma noite, os representantes dos operários vindos de 61 fábricas e empresas de Pequim reuniram-se ràpidamente na Tipografia Singhoua para discutir a aplicação desta grande exortação à luta do presidente Mao.

Bastaram um pouco mais de dez horas para que este apelo fosse transformado num acto revolucionário da classe operária, que agitou céu e terra. Na manhã do dia 27 de Julho de 1968, erguendo bem alto retratos do presidente Mao, brandindo o livro vermelho das **Citações do presidente Mao Tsé-Tung**, os operários da indústria de Pequim e os combatentes do E. P. L. dirigiram-se em marcha para a Universidade Tsinghoua. Estavam decididos a ocupar as posições da cultura e do ensino e a proceder a uma transformação radical nesses domínios à luz do pensamento maotsetung. Foi este um grande acontecimento dos anos 60 do século XX!

2 — O FIM DO IMPÉRIO SOBERANO DOS INTELECTUAIS

Os professores, alunos, empregados e operários re-

volucionários da Universidade Tsinghoua reservaram um caloroso acolhimento à equipa operária-E. P. L. de propaganda enviada pelo seu grande dirigente, o presidente Mao. Iam por todos os lados anunciar a boa nova e gritavam: «viva a classe operária! Viva o E. P. L.!» «Viva o presidente Mao! Que viva muito, muito tempo!»

Todavia, um punhado de inimigos de classe não se resignavam a retirar-se da cena da História; eles dedicaram-se abertamente à sabotagem na vã esperança de expulsar da universidade a equipa de propaganda. Pelo seu lado, alguns intelectuais, que não se tinham libertado da sua concepção burguesa do mundo, trabalhavam com todas as forças para salvaguarda do império soberano dos intelectuais.

Era uma séria luta de classes.

À alegação segundo a qual «aos operários apenas compete ocuparem-se das suas fábricas e não têm que se ingerir nos assuntos da escola», os membros da equipa de propaganda replicavam: «Nós, a classe operária, devemos não só gerir bem as nossas fábricas mas também emancipar toda a humanidade. Foi o presidente Mao que nos deu o direito de bem administrar as escolas e de acabar radicalmente com o domínio que nela exercem os intelectuais burgueses!»

Ao argumento pretendendo que «os operários não estão à altura de dirigir os intelectuais», os membros da equipa de propaganda responderam: «Nós, a classe operária, somos profundamente fieis ao presidente Mao, ao pensamento maotsetung e à linha

revolucionária do presidente Mao; é isto que nos torna capazes de levar a cabo qualquer tarefa».

A equipa de propaganda traçou uma nítida linha de demarcação entre os dois tipos de contradições de carácter diferente. Ela soube ripostar ao contra ataque desenfreado dos inimigos de classe. No tocante aos professores, alunos, empregados e operários da universidade ,ela desenvolveu entre eles um trabalho ideológico e político tão laborioso como minucioso. Organizou centenas de pequenos grupos encarregados de propagar as recentes directivas do presidente Mao para os ajudar a elevar o nível da sua consciência política e a distinguir o verdadeiro do falso.

No dia 5 de Agosto de 1968, quando a equipa de propaganda avançava já vitoriosamente, o nosso grande dirigente, o presidente Mao, fez-lhe uma preciosa oferta — mangas — exprimindo-lhe desta maneira a sua profunda solicitude e o seu poderoso apoio.

A 15 de Agosto de 1968 o presidente Mao recebeu calorosamente os representantes da equipa de propaganda.

Mais tarde, fez publicar uma série de novas directrizes:

«A CLASSE OPERÁRIA DEVE EXERCER A SUA DIRECÇÃO EM TUDO.»

«AS EQUIPAS OPERÁRIAS DE PROPAGANDA MANTER-SE-ÃO LONGO TEMPO NAS ESCOLAS, NELAS PARTICIPARÃO EM TODAS AS TAREFAS DA

LUTA-CRITICA-REFORMA E DIRIGI-LAS-ÃO PARA SEMPRE».

Os grandes ensinamentos do presidente Mao e a sua profunda solicitude encorajaram poderosamente os membros da equipa de propaganda, educaram em profundidade os professores, alunos, empregados e operários da Universidade e assestaram rudes golpes ao inimigo de classe. A equipa de propaganda do pensamento maotsetung composta por operários e combatentes do E. P. L., a primeira do país, acabou com o império soberano dos intelectuais da Universidade de Tsinghoua e fez falir o **complot** do punhado de inimigos de classe para a expulsar.

3 — A CONQUISTA DA MAIORIA ESMAGADORA DOS INTELECTUAIS

Para acelerar a realização da grande aliança revolucionária das duas organizações de massa, os operários convidaram os professores e alunos a estudar com eles «Os três textos mais lidos», brilhantes obras do presidente Mao, e a estigmatizar a teoria de «extinção de classes» propagada pelo arquirenegado Liu Chao-Chi. Agindo desta maneira, eles conduziam-nos à união contra o inimigo comum. As massas revolucionárias das duas organizações acabaram com efeito por se unir e o **complot** tramado pelo inimigo de classe para fraccionar as massas fracassou.

Agindo segundo o ensinamento do presidente Mao: «A IMENSA MAIORIA DELES (os intelectuais) SÃO

PATRIOTAS; AMAM A NOSSA REPÚBLICA POPULAR E ESTÃO PRONTOS A SERVIR O POVO E O ESTADO SOCIALISTA», a equipa de propaganda resolveu chamar a si a grande maioria dos intelectuais e dar-lhes a sua confiança.

Em conformidade com este ensinamento do presidente Mao: «ONDE QUER QUE VIVAM OS HOMENS DISTINGUE-SE SEMPRE UMA ESQUERDA, UM CENTRO E UMA DIREITA; ISTO AINDA SERÁ ASSIM DAQUI A 10.000 ANOS», a equipa de propaganda formou, de entre os professores, alunos, empregados e operários da universidade, contingentes de elementos activos na qualidade de forças sobre as quais ela se poderia apoiar para dirigir o movimento de massa da luta-crítica-reforma na escola.

De acordo com o ensinamento do presidente Mao: «DEVEMOS UNIR A NÓS AS GRANDES MASSAS POPULARES E QUANTO MAIS ÊXITO OBTIVERMOS, MAIOR VALOR ISSO TERÁ», a equipa de propaganda ocupou-se, segundo o princípio de unidade — crítica e autocrítica — da tarefa de ajudar os quadros e aqueles que, entre as massas, tinham cometido diversos erros.

Seguindo o ensinamento do presidente Mao: «NÃO DAR OPORTUNIDADE É CONTRÁRIO À POLÍTICA DO PROLETARIADO», a equipa de propaganda deu oportunidade de se corrigirem e resgatarem por actos meritórios àqueles cuja situação era resultante das contradições entre nós e o inimigo, mas que confessa-

ram os seus crimes e se mostraram decididos a corrigir-se.

Deste modo, a equipa de propaganda mobilizou todos os factores positivos, uniu a si todos aqueles que eram susceptíveis de ser unidos e formou à sua volta um gigantesco exército revolucionário. As vitórias que obteve na luta contra o punhado de inimigos de classe ganhando-lhe os intelectuais, confirmam com eloquência a exactidão desta tese clarividente do nosso grande dirigente, o presidente Mao: «O PROLETARIADO É A CLASSE MAIS PRESTIGIOSA DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE, A MAIS PODEROSA CLASSE REVOLUCIONÁRIA DO PONTO DE VISTA IDEOLÓGICO, POLÍTICO E DE FORÇA; ELE PODE E DEVE UNIR À SUA VOLTA A ESMAGADORA MAIORIA A FIM DE ISOLAR AO MÁXIMO E ATACAR O PUNHADO DE INIMIGOS».

4 — A REEDUCAÇÃO DOS INTELECTUAIS

O presidente Mao disse: «A MAIORIA, A GRANDE MAIORIA MESMO DAQUELES QUE SE FORMAM NAS ESCOLAS PODE FUNDIR-SE COM OS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS; ALGUNS DELES TÊM ATÉ NO SEU ACTIVO INVENÇÕES E CRIAÇÕES. TODAVIA DEVEM SER COLOCADOS SOB A DIRECÇÃO DUMA LINHA CORRECTA E REEDUCADOS PELOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS A FIM DE PODE-

REM REJEITAR RADICALMENTE A SUA VELHA IDEOLOGIA. A TAIS INTELECTUAIS, OS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS, FARÃO UM BOM ACOLHIMENTO». Seguindo este grande ensinamento, a equipa de propaganda estava determinada a fazer da maioria dos intelectuais pessoas a quem os operários, camponeses e soldados dariam um bom acolhimento.

Sob a influência perniciosa da linha revisionista contra revolucionária do arquirenegado Liu Chao-Chi em matéria de ensino, um catedrático da secção de Hidráulica tinha procurado durante muito tempo as honras que pensava serem devidas a um especialista, consagrando-se aos seus «assuntos de investigação científica». Por vezes, ele ia aos locais de trabalho mas apenas para colher «dados e informações». Sob a direcção da equipa de propaganda, este catedrático dirigiu-se para o campo, na província de Hopei e, aí, educado pelos exemplos concretos de devotamento dos camponeses pobres e médios para com a colectividade, ele tomou a firme resolução de fazer corpo com eles. Foi assim que, para melhor organizar um curso de preparação hidráulica, apesar de se encontrar doente, percorreu 90 quilómetros a pé a fim de fazer um inquérito sobre as experiências adquiridas na preparação de terras irrigadas. Durante o dia ele conversava e fazia inquéritos para aprender com os camponeses pobres e médios; à noite preparava as lições até horas avançadas da noite. Em pouco tempo este catedrático começou a pôr-se ao

serviço dos camponeses pobres e médios.

A mudança que se operou neste professor é apenas um dos múltiplos exemplos comovedores que mostram como a primeira equipa de propaganda do pensamento maotsetung do país, composta por operários e combatentes do E. P. L., está em vias de transformar o domínio da cultura e do ensino pelo modo como reeduca os intelectuais.

Outrora, sob a influência da linha revisionista contra revolucionária em matéria de ensino, os intelectuais sufocavam sob o peso do seu egoismo burguês. Hoje mostram dinamismo, participam activamente no movimento de luta-crítica-reforma, estão determinados a levar até ao fim a revolução proletária no ensino. Depois da libertação, um professor adjunto da secção de Electromecânica difundiu nos seus cursos muitas ideias perniciosas oriundas do feudalismo, do capitalismo e do revisionismo. No decorrer da Grande Revolução Cultural Proletária, ele reconheceu os erros em que tinha caído no passado mas sentiu-se hesitar no modo como encontrar a via correcta. Após a sua entrada na Universidade, a equipa de propaganda ajudou-o a compreender que a melhor via era a de refundir sem cessar a sua ideologia por meio do pensamento maotsetung. Guiado pela equipa, foi para uma fábrica com professores, alunos, empregados e operários da universidade. Eles temperavam-se no trabalho manual ao mesmo tempo que prosseguiam a reforma do ensino. Este professor adjunto comia, dormia e trabalhava com os operários com o

fim de se reformar conscientemente. Graças à ajuda entusiástica dos operários, quando subiu ao estrado para dar as aulas ele reformou com audácia as antigas matérias e métodos de ensino. Declarou pleno de confiança: «Estou resolvido a ir para a frente seguindo a linha revolucionária do presidente Mao, a receber mais a fundo ainda uma reeducação necessária dos operários, camponeses e soldados e a transformar totalmente a minha antiga ideologia para me tornar um intelectual que operários, camponeses e soldados acolham com alegria!»

Sob a influência perniciosa da linha revisionista contra revolucionária em matéria de ensino, os intelectuais passavam dum livro para outro sem todavia chegarem a nada. Mas hoje, depois de terem passado alguns meses nas fábricas ou no campo eles conseguem, com os operários e camponeses pobres e médios fazer inovações técnicas e cumprir as tarefas de produção.

5 — A REVOLUÇÃO NÃO PARA

Há já um ano que a equipa de propaganda mantém solidamente o seu poder de direcção na Universidade Tsinghoua. Ela levou os professores, alunos, empregados e operários da Universidade a reeducarem-se pelo pensamento maotsetung e assim transformarem a sua antiga ideologia. E isto levou-a ao mesmo tempo, a dar um impulso enérgico ao movimento de luta-crítica-reforma na universidade. Na primavera deste

ano, sob a direcção da equipa de propaganda, um grupo de professores empreendeu a organização duma herdade nas margens do lado Poyang no Kiangsi que, pelo exemplo, contribui para a revolução do ensino.

Muitos professores, vítimas da linha revisionista contra revolucionária em matéria de ensino, eram incapazes, antes, de carregar fardos aos ombros ou trabalhar com as suas mãos. Mas hoje, guiados pela linha revolucionária proletária do presidente Mao Tsé-Tung e com a equipa de propaganda que os conduz, eles mudaram. Sobre terras até então incultas nas margens do lago, pela primeira vez na sua vida, com as próprias mãos, construiram casas e desbravaram muitos terrenos. Neste grande cadinho revolucionário eles compreenderam que o problema chave da revolução proletária do ensino é o de refundir o homem, ultrapassar o espírito de clã burguês para reforçar o espírito de partido proletário. Aliás, é somente reforçando o espírito de partido proletário que se pode superar o espírito de clã burguês. Recentemente, eles colheram o arroz precoce que tinham plantado pela primeira vez. Muitos professores disseram com emoção: «Quando a linha política está errada, tudo é errado; e nada pode ser levado a cabo sem uma boa ideologia. Hoje a linha revolucionária do presidente Mao orienta-nos a nós intelectuais, para um futuro extremamente radioso e a firme direcção da classe operária abre para nós uma ampla via.»

Constatando o dinamismo com que progridem os professores, a equipa de propaganda está determinada, sob a direcção do Partido Comunista, a conduzir os professores, alunos, empregados e operários revolucionários da universidade, a levar até ao fim a revolução socialista nos domínios da superestrutura, a fim de estabelecer um sistema de ensino de tipo novo, proletário.

As escolas superiores são necessárias; por elas entendo sobretudo as escolas politécnicas. Todavia, é preciso reduzir a duração dos estudos, fazer a revolução no ensino, pôr a política proletária no posto de comando e tomar o caminho seguido pela Fábrica de Máquinas Ferramenta de Changai, ou seja, formar um pessoal técnico oriundo das fileiras operárias. Os estudantes devem ser escolhidos entre os operários e camponeses tendo uma experiência da prática; após alguns anos de estudo, eles voltarão à prática da produção.

Mao Tsé-Tung

B — COMO A FÁBRICA DE MÁQUINAS FERRAMENTA DE CHANGAI FORMA O SEU PESSOAL TÉCNICO

A fábrica de Máquinas Ferramenta de Changai de que fala o Presidente Mao na directiva acima trans-

crita, é especializada na produção de rectificadoras de precisão. Quarenta e cinco por cento do seu pessoal técnico veio das fileiras operárias. Entre eles encontram-se antigos torneiros, montadores e fundidores com mais de dez anos de experiência nos ofícios. Este contingente técnico de tipo novo, próprio da classe operária, seguiu o ensinamento do presidente Mao dando provas do espírito revolucionário que consiste em ousar pensar, agir e desbravar. Não foi apoiando-se nos «técnicos» burgueses mas agarrando-se à linha de massa, que ele subiu sem descanço as escadas dirigidas para os topos da técnica. Este contingente preparou produtos de nível internacional avançado, tais como a rectificadora cilíndrica para fabrico de peças ultrafinas e a rectificadora cilíndrica de altas gravações.

Entre os dez novos tipos de rectificadoras que a fábrica conseguiu produzir a título de ensaio durante o primeiro semestre deste ano, seis foram obra de operários transformados em engenheiros e técnicos. Os outros foram concebidos, em estreita colaboração com os operários, por jovens saídos das escolas.

1 — A LUTA ENTRE AS DUAS LINHAS

A fábrica começou a formar o seu pessoal técnico a partir dos operários em 1957/58. Este trabalho beneficiou da calorosa solicitude do presidente Mao e da direcção imediata do seu bom aluno, o tão lamentado camarada Keh King-Che, na altura primeiro secretário do comité do Partido da Municipalidade de Changai.

Em 1957, em **Da justa solução das contradições no seio do povo,** o presidente Mao indicou: A NOSSA POLÍTICA NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO DEVE PERMITIR ÀQUELES QUE A RECEBEM FORMAREM-SE NO PLANO MORAL, INTELECTUAL E FÍSICO A FIM DE SE TORNAREM TRABALHADORES CULTOS COM UMA CONSCIÊNCIA SOCIALISTA». A 8 de Julho do mesmo ano ele inspeccionou a Fábrica de Máquinas-Ferramenta de Changai, encorajando assim grandemente os seus trabalhadores revolucionários. Depois, Keh King-Che, partindo da linha proletária do presidente Mao no domínio da educação e investigação científica, exortou a população de Changai a «fazer prosperar a cultura e a ciência, a esforçar-se por criar, em dez anos, um imponente exército de intelectuais da classe operária». Foi várias vezes à fábrica de máquinas ferramenta para nela ajudar a formar intelectuais do proletariado.

Em 1958, sob directiva do camarada Keh King-Che e a pedido dos operários, a Fábrica de Máquinas-Ferramenta de Changai decidiu seleccionar operários qualificados tendo em vista a sua participação nos gabinetes de estudo. Alguns foram enviados para a escola técnica secundária, outros foram estudar para os diversos tipos de escolas nocturnas ou para estágios de curta duração organizados pelos próprios operários. Operários graduados e técnicos revolucioná-

rios tornaram-se professores. Velando para que a teoria fosse combinada com a prática, os operários-estudantes progrediram rapidamente. Assim nasceu um pessoal técnico oriundo das fileiras operárias.

Desde o princípio, fieis à linha revisionista contra revolucionária do seu patrão na investigação científica, os agentes do Khrouchtchev chinês em Changai incitaram os responsáveis comprometidos na via capitalista e as «autoridades» reaccionárias da fábrica a oporem-se, por todos os meios, a esta coisa nascente que era a participação dos operários na concepção das máquinas. Utilisando os poderes que detinham na administração e no domínio técnico, eles tudo fizeram para sufocar o espírito de iniciativa das massas. Formar um pessoal técnico do meio de operários, era dar conhecimento teórico aos operários que já eram possuidores duma rica experiência prática, era «acrescentar asas ao tigre». Que ameaça para o seu monopólio técnico! Era natural que tivessem medo da entrada dos operários nos gabinetes de estudo. Teriam dado tudo para não os ver lá.

Os responsáveis comprometidos na via capitalista e as «autoridades» reaccionárias adoptaram uma dupla tática — demissão e sedução — para com os operários tornados engenheiros e técnicos. Àqueles que estavam ligados aos gabinetes de estudo, eles apenas confiavam o desenho de peças isoladas, nunca o de uma máquina completa. Outras vezes, pretextando a intensidade da produção, enviavam-nos de novo

para as oficinas. Durante quatro anos as «autoridades» reaccionárias não permitiram a um só operário promovido a engenheiro que fizesse investigação. Para aqueles técnicos-operários que se tinham distinguido nas investigações científicas, esses senhores da burguesia faziam-lhes resplandecer a importância do renome e do proveito, aconselhavam-nos a «ir à universidade», a «seguir o exemplo dos entendidos», a «lutar por se tornarem investigadores e engenheiros». A sua intenção era a de encaminhar os técnicos saídos das fileiras operárias e os operários profissionais para a via do individualismo.

Todavia, os operários e os técnicos saídos das suas fileiras comprometeram-se firmemente na via indicada pelo presidente Mao. Aplanando os obstáculos erguidos pelos responsáveis empenhados na via capitalista e as «autoridades» reaccionárias, eles fizeram valer plenamente a seu poder criador e o seu talento técnico. As estatísticas mostram-nos que, dos novos produtos concebidos e realizados na fábrica, os que foram preparados pelos engenheiros e técnicos saídos das fileiras operárias ou graças aos esforços conjuntos de jovens técnicos saídos das escolas e operários, representam 60% em 1958, 70% em 1959, 80% em 1960 e quase 100% depois de 1960, sobretudo depois da revolução cultural.

2 — OS DOIS TIPOS DE TÉCNICOS

A experiência da Fábrica de Máquinas-Ferramenta

de Changai prova que dar uma formação técnica aos operários é uma via correcta para que o proletariado tenha o seu próprio contingente técnico.

Os jovens técnicos desta fábrica (idade máxima à volta de 35 anos) pestencem a duas categorias. A primeira compreende 350 titulares de diplomas de estudos superiores dos quais 10% foram bolseiros de investigação ou voltaram do estrangeiro. A outra categoria engloba os operários tornados técnicos e dos quais apenas uma minoria teve ocasião de se aperfeiçoar nas escolas técnicas secundárias. Duma maneira geral os primeiros, em larga medida, têm ideias erróneas e são menos fortes na prática; os últimos são mais avançados no plano ideológico e a sua capacidade de trabalho prático é maior. Presentemente, a esmagadora maioria dos técnicos saídos das fileiras operárias constituem um importante núcleo técnico: 10% deles podem conceber sòzinhos novos produtos respondendo aos padrões mais elevados.

Porque razão os técnicos saídos das fileiras operárias puderam progredir mais depressa e dar maiores contribuições que os jovens saídos das universidades? Uma consciência política elevada, um profundo sentimento proletário para com o presidente Mao e o Partido Comunista e um devotamento total ao serviço do povo, são as principais razões disso. Assim, na sua marcha para tomar de assalto os bastiões da ciência e da técnica, eles não procuram nem renome nem benefícios, não temem nem perigos nem dificuldades e não cessam de lutar enquanto o seu

objectivo não for atingido. Ousam acabar com todas as convenções ultrapassadas, vencer em rapidez os países imperialistas e revisionistas e batê-los no que respeita à qualidade; além disso, procuram sempre realizar economias para o Estado e tornar o manuseamento das máquinas mais fácil para os operários.

É a Tchang Mei-Houa, antigo operário a trabalhar com uma máquina rectificadora, que cabe o mérito de ter produzido a primeira rectificadora chinesa de ultra acabamentos. Em 1960, na Feira Internacional de Leipzig, ele visitou, com um grupo de operários chineses, os pavilhões de alguns países capitalistas e revisionistas. Mas aí os delegados das firmas mostraram desdém em falar de técnica com os operários chineses. Tchang Mei-Houa disse com cólera: «Antes da libertação os operários chineses tudo conheceram por parte dos imperialistas. Agora, que somos livres, ainda nos querem humilhar! Não o conseguirão!» E tomou a resolução de se pôr a par e ultrapassar os níveis técnicos mundiais mais avançados.

Foi depois encarregado da tarefa de criar a rectificadora de ultra acabamentos. Para se assenhorear da técnica de polir superfícies com ultra precisão, ele extraiu a sua força em **Servir o povo** do presidente Mao. Inspirou-se no exemplo de Tchang Se-Teh, soldado do oitavo exército de Campanha que, para fazer a revolução, não teve medo nem dos sofrimentos nem da morte. Aos 12 anos tinha começado, tal como Tchang Se-Teh, a trabalhar como vaqueiro para um proprietário de terras. Foi cruelmente oprimido e

explorado. Depois da libertação foi o partido que o formou. Agora que o Partido o encorajava a cumprir esta tarefa, ele tinha absolutamente de a cumprir.

Trabalhar para a glória da pátria e ser digno do presidente Mao. Este sentimento proletário deu-lhe a coragem e a força de ultrapassar todos os obstáculos. Fêz mais de três mil experiências antes de se iniciar nas leis desta técnica. Mais tarde, em 1965, ele fabricou com a ajuda dos seus camaradas operários, a primeira rectificadora chinesa de polir superfícies com ultra precisão. Cinco anos bastaram para chegar a este cúmulo da técnica que no estrangeiro se tinha levado mais de trinta anos a atingir.

Os jovens intelectuais, envenenados pela linha revisionista em matéria de ensino, constituem um contraste chocante com Tchang Mei-Houa. Quando entravam nos departamentos de investigação e concepção, já há muito tempo estavam afastados da produção e dos operários. Não era em servir a pátria e o povo que eles pensavam mas em lançar-se na procura de fama e de lucro, em se tornar «peritos» e «engenheiros». Eles não compreendiam um grande número de problemas que surgiam mas, para não darem o braço a torcer, não consultavam os operários; as suas investigações não conduziam a nada. Um técnico, cuja ambição era tornar-se célebre, tinha-se prendido a uns bons sessenta assuntos de estudo durante uma dezena de anos. Abandonava um para começor outro e assim sucessivamente, esbanjando fundos importantes em detrimento do Estado, sem lhe trazer

qualquer benefício.

O contraste é ainda mais chocante entre os engenheiros e técnicos saídos das fileiras operárias e os velhos intelectuais burgueses imbuídos das ideias de lucro e fama. Um «perito» burguês resolveu fazer os planos duma máquina rectificadora. Consagrou oito anos a esse trabalho e delapidou os dinheiros públicos sem todavia o conseguir terminar; ao contrário, ele coligiu uma série de «dados» que lhe serviram de «capital» para a procura de fama e lucro. Os operários julgaram-no nestes termos: «Pessoas como esta terão o menor apego à nossa nova sociedade?»

O presidente Mao declarou: «OS COMBATENTES MAIS RICOS DE EXPERIÊNCIA PRÁTICA SÃO OS MAIS INTELIGENTES E OS MAIS TALENTOSOS». No decurso de longos anos de trabalho manual os técnicos saídos das fileiras operárias acumularam uma rica experiência prática. Alguns anos de estudo durante o seu tempo livre ou numa escola técnica secundária permitem-lhes ligar estreitamente a teoria e a prática. E muito ràpidamente eles se revelam à altura das suas tarefas, tanto na investigação científica como na concepção de projectos. Dizem: «Nós estudamos nos livros tendo em mente os problemas a resolver; por isso aprendemos e compreendemos depressa e sabemos pôr em prática aquilo que aprendemos». Essa é uma das maiores razões que explicam a sua rápida formação.

Pelo contrário, é muito difícil aos técnicos saídos das universidades e dos institutos, com os seus co-

nhecimentos livrescos divorciados da prática e antes de se integrarem nos operários, resolverem os problemas concretos encontrados durante a produção. Assim por exemplo, técnicos desta categoria tinham elaborado o projecto duma rectificadora cilíndrica externa. Durante a montagem tornou-se evidente que a mesa não se podia deslocar livremente. Os técnicos reexaminaram os planos sem conseguirem encontrar a causa. Foram consultar os seus colegas saídos do seio operário e operários qualificados. Estes, graças à sua longa experiência, viram imediatamente que se tratava dum defeito do sistema hidráulico de pressão. Medidas adequadas foram tomadas e o problema ficou resolvido. Exemplos semelhantes são numerosos.

É de notar que os jovens saídos das escolas superiores, desembaraçando-se da bagagem ideológica que a linha revisionista em matéria de ensino lhes impôs e adoptando uma atitude modesta para entrar na via de integração com os operários, podem também, após um período de trabalho prático, contribuir de maneira notável para a concepção e fabrico experimental de novos produtos. Eis o caso dum estudante formado em 1964. Nos primeiros tempos após a sua chegada à fábrica, estava sempre mergulhado na leitura dum livro estrangeiro sobre as máquinas de rectificar parafusos. Andava numa roda viva com a teoria — teoria, em vez de ligar a teoria à prática — e, nesses anos, não conseguiu fazer nenhum trabalho criador. Durante a grande revolução cultural ele elevou a sua consciência de classe e enveredou

resolutamente pela via da integração com os operários. Nos princípios de 1968 ele preparou, com o concurso de dois técnicos operários e um operário experimentado, um importante dispositivo eléctrico para máquinas de rectificar.

3 — AS MUDANÇAS REVOLUCIONÁRIAS

No decorrer da revolução cultural proletária, as «autoridades» técnicas reaccionárias da burguesia que detinham a direcção no sector técnico da fábrica de Máquinas Ferramenta de Changai foram destronadas. Os engenheiros e técnicos saídos das fileiras operárias, os jovens técnicos revolucionários vindos das escolas e os quadros revolucionários tornaram-se senhores das investigações científicas e da concepção. Uma mudança radical se opera no estado de espírito de bom número de jovens intelectuais e de certos velhos engenheiros e técnicos. A crítica da linha revisionista contra revolucionária do Khrouchtchev chinês no domínio da técnica e da concepção burguesa e reaccionária do mundo, permitiram-lhes compreender que o revisionismo tem as suas raizes nas ideias de fama e lucro e que as honras e os títulos da burguesia não são de desejar. Frequentando a escola do pessoal técnico saído das fileiras operárias, eles vão por sua própria iniciativa para as oficinas trabalhar ao lado dos operários, estudar e melhorar os seus planos com eles.

No dia 22 de Julho publicou o **Renmin Ribao** uma

directiva do presidente Mao sobre a revolução no ensino e foi com entusiasmo que os trabalhadores revolucionários da Fábrica de Máquinas Ferramenta de Changai a acolheram. «O presidente Mao disse o que nós pensamos», declararam muitos operários qualificados. «Viva a formação do pessoal técnico entre os operários!» Wou Teh-Louen, um dos primeiros operários promovidos a engenheiros da fábrica, disse: «Foi a linha revolucionária proletária do presidente Mao que abriu caminho à nossa fábrica para formar um pessoal técnico a partir dos seus operários. Devemos todas as nossas realizações ao nosso grande dirigente o presidente Mao. Elas são outras tantas vitórias do pensamento de Mao Tsé-Tung.»

Os jovens técnicos saídos das escolas aclamaram a directiva com o mesmo calor. A sua experiência pessoal permitiu-lhes dizer: «Os intelectuais não poderão desempenhar o seu papel no trabalho científico e técnico enquanto não forem colocados na escola dos operários e não tiverem ligado estreitamente a teoria e a prática». Unânimemente exprimiram a sua resolução de se comprometerem na via indicada pelo presidente Mao, na via da integração com os operários.

C — MEDICINA: O NASCIMENTO DUM NOVO MANUAL DE ENSINO

«Como se faz a reforma das matérias de ensino nas escolas superiores?» Foi para poder responder a esta questão tantas vezes levantadas pelos nossos leitores que eu me dirigi ao Instituto de Medicina de Hounan a fim de, no próprio local, fazer uma reportagem.

Situada na margem leste do rio Siankiang, no bairro norte de Tchangcha, uma cidade da China Central, esta escola, conhecida antes da Libertação por Escola de Medicina de Siangya, comemora o seu 58.º aniversário. Ocupando os dois lados da rua, os edifícios da escola, que não cessaram de se multiplicar, erguem as suas imponentes silhuetas por detrás das árvores, ao passo que as antigas construções do período anterior à libertação, perdidas num canto da parte sul da escola, servem agora para alojamento

duma parte do pessoal.

Foi com os estudantes escolhidos entre operários, camponeses e soldados e entrados em 1970 que eu assisti a uma aula de pneumoconioses, que era dada num estabelecimento de profilaxia e tratamento de doenças profissionais. Ao mesmo tempo que fazia a sua exposição, o professor procedia a numerosas demonstrações com instrumentos diversos. Os alunos ouviam e tomavam notas. Acabada a lição, foram com o professor efectuar trabalhos práticos.

O estudo baseava-se num capítulo do novo manual intitulado «Elementos de Medicina Preventiva e Profilaxia e Tratamento das Doenças Profissionais», curso este que, desde que foi instituido, é bastante apreciado. Dirigi-me então ao grupo de investigação sobre o ensino da medicina preventiva e pedi a um professor para me explicar como tinham conseguido os professores elaborar um tal manual.

1 — PORQUE SE DEVEM REFORMAR OS ANTIGOS MANUAIS

No gabinete do grupo de investigação sobre o ensino, a camarada Li Yun-tchen, encarregada do curso, explicou-me as razões da necessidade de reformar os manuais.

Este curso de medicina preventiva existia já antes da Grande Revolução Cultural Proletária mas chamava-se «Higiene» e a camarada Li assumira durante anos a sua direcção. No tempo da Escola de

Medicina de Siangya, fundada em 1914 pelos imperialistas americanos no quadro da sua agressão cultural contra a China, figurava já no programa de ensino um curso de «Higiene Pública» com um conteúdo essencialmente copiado dos manuais americanos. Nos primeiros tempos após a libertação, mercê da linha revisionista de Liu Chao-Chi que mandava «deixar as coisas praticamente como estavam», os manuais insistiam sobre a higiene nas cidades e quase nenhuma importância davam ao trabalho sanitário nos campos e separavam nitidamente a profilaxia do tratamento. Estavam, desta maneira, completamente desligados da realidade do país.

Com o aprofundar constante da nossa revolução socialista, os professores tinham já, muitas vezes, remodelado os antigos manuais mas, como se limitavam a extrair as matérias de livros e a discuti-las encerrando-se nos gabinetes, não se conseguiram desembaraçar do antigo sistema.

No decurso da Revolução Cultural, os professores e alunos desencadearam uma grande crítica revolucionária contra o antigo curso de higiene servindo-se como arma do pensamento maotsetung. Este manual, constituído por uma dezena de capítulos e meio milhão de palavras no total, entrava em detalhes muitas vezes inúteis. Por exemplo, àcerca da higiene do solo, alongava-se em considerações sobre a estrutura do solo e as variações de temperatura a milhares de metros de profundidade da crusta terrestre; para falar da higiene do ar, ia-se do ar à superfície da

terra até à ionosfera, a 90 quilómetros de altitude, o que apenas tem interesse para os voos espaciais. Tornava-se evidente que um manual, tão complicado e afastado da realidade, não podia permitir formar, segundo o princípio da quantidade, rapidez, qualidade e economia, homens devotados ao serviço das largas massas trabalhadoras. A camarada Li abriu o livro de «Higiene» em questão no capítulo da «Higiene Alimentar». «Veja você mesmo, disse-me ela, cita-se aqui uma gama de produtos alimentares estrangeiros aos quais os nossos trabalhadores não estão habituados, bem como os seus índices nutritivos. Encontrará mesmo uma longa passagem sobre o valor nutritivo do pão escuro». Claro que os alunos formados com estes conhecimentos eram incapazes de organizar um movimento patriótico pela higienização das regiões rurais e de tomar medidas preventivas contra as doenças profissionais nas empresas industriais e mineiras. A grande crítica revolucionária permitiu que os professores compreendessem a necessidade de reformar completamente o antigo manual.

2 — COMO SE RECOLHEM OS DADOS

Na primavera do ano passado o grupo de investigação sobre o ensino da medicina preventiva decidiu redigir um novo manual na base da crítica e da revisão do antigo. Mas como consegui-lo? O professor Wang Siang-pou, responsável do grupo, disse-me que

os professores mais velhos temiam não conseguir preparar algo de satisfatório, pois tinham grande dificuldade em romper com as antigas convenções; quanto aos mais jovens, considerando-se inexperientes, não se sentiam seguros de si e diziam que fariam tudo o que lhes fosse possível para acompanhar os seus colegas com maior experiência. Foi neste momento que o comité revolucionário da escola organizou para eles o estudo do artigo do presidente Mao «Da prática» bem como das suas outras teses sobre problemas de pesquisa e investigação. O presidente Mao sublinha: «UMA VEZ QUE OS INTELECTUAIS SÃO CHAMADOS A SERVIR AS MASSAS OPERÁRIAS E CAMPONESAS, DEVEM EM PRIMEIRO LUGAR COMPREENDÊ-LAS, CONHECER BEM A SUA VIDA, O SEU TRABALHO E A SUA MENTALIDADE. RECOMENDAMOS AOS INTELECTUAIS QUE VÃO PARA O MEIO DAS MASSAS; PARA AS FÁBRICAS, PARA OS CAMPOS.» Este ensinamento indicou-lhes a via fundamental para a preparação do manual. Em consequência, organizaram pequenas equipas de investigação sobre a reforma do ensino que, bagagem às costas, penetraram nas regiões rurais, empresas industriais e mineiras e unidades do exército, para saberem das necessidades dos operários, camponeses e soldados.

Na comuna popular de Changfeng, numa região montanhosa afastada do distrito de Hengyang, os membros duma das equipas constataram que todas as aldeias tinham construido novos poços de água nos

quais a água era tão clara que se podia ver o fundo; as casas e os pátios dos camponeses estavam bem conservados; as pocilgas e latrinas estavam limpas e secas e raramente aí se via uma mosca ou um mosquito, apesar da atmosfera quente e húmida. Disseram-lhes que outrora as coisas eram bem diferentes: as pessoas tinham de se contentar em beber água turva, a disenteria era frequente no verão; riachos de águas sujas corriam diante do todas as casas e no outono o paludismo atingia numerosos habitantes. Num ano, em plena estação dos grandes trabalhos de colheita e semeadura de verão, declarou-se uma epidemia de enterite. Devido à falta de braços, os trabalhos não avançavam e daí uma baixa na produção do arroz tardio. Foi isso que decidiu o Comité do Partido da comuna a tomar medidas preventivas contra as doenças. Mobilizaram-se as massas de toda a comuna num movimento patriótico pela higiene. Em seguida tomaram-se, na prática, toda uma série de medidas para prevenir as doenças: medidas higiénicas para a água potável, para a alimentação e para o tratamento dos excrementos; destruição dos mosquitos, moscas, ratos, percevejos e baratas; manutenção da limpeza no interior e no exterior das habitações; absorção, de acordo com as estações, de remédios preventivos preparados à base de plantas medicinais. Estas medidas permitiram reduzir os casos de doenças correntes e de grande morbilidade, melhorar o estado de saúde dos membros da comuna e dar um impulso à revolução e à produção. A partir de então a produção cerealífera ultrapassou todos os anos as taxas fixadas no programa nacional para o desenvolvimento da agricultura.

Na mina de Volfrâmio de Yaokangsien uma outra equipa tomou conhecimento que os operários, contando com as suas próprias forças e utilisando meios locais, tinham conseguido diminuir o teor em pó de silício pela melhoria das condições de ventilação das galerias. Desde 1958 que nenhum caso de silicose tinha sido detectado e os operários que tinham sido atingidos outrora viram o seu estado melhorar sensìvelmente no decurso da Revolução Cultural graças aos cuidados dispensados pelos trabalhadores médicos revolucionários, que combinavam os métodos tradicionais com os modernos.

As equipas de investigação, visitando uma quarentena de fábricas, de comunas populares e unidades sanitárias de base no decurso da sua tourné, constataram que o princípio «DIRIGIR O ESFORÇO PRINCIPALMENTE PARA A PROFILAXIA» formulado pelo presidente Mao, traduzia as próprias aspirações dos operários, camponeses e soldados e os seus interesses fundamentais. Era necessário, portanto, redigir uma nova série de manuais que, partindo da prevenção das doenças correntes e de grande morbilidade, bem como das doenças profissionais dos operários, camponeses e soldados, se basearia m nas ricas experiências adquiridas pelas massas na luta contra as doenças e combinariam a transformação do ambiente com o reforço da constituição física do

homem e portanto da sua resistência contra as doenças.

3 — O CONTRIBUTO DOS OPERÁRIOS, CAMPONESES E SOLDADOS

Uma vez bem definida a orientação do trabalho de redacção as equipas, depois de se terem documentado entre as massas, voltaram à escola para se dedicarem ao trabalho. Entretanto, novos problemas surgiram. De acordo com o que nos contou a camarada Li, os membros das equipas que tinham visitado um grande número de lagares de azeite no campo e se tinham informado sobre os processos de trabalho repararam que o tempo durante o qual as matérias oleaginosas deviam estar a temperatura elevada era longo e, daí, concluiram que era necessário fazer qualquer coisa para baixar a temperatura no local. Completaram a documentação e trataram em detalhe esta questão no manual. Quando mostraram uma parte do rascunho aos camponeses para lhes pedir a opinião, estes disseram-lhes que se tinham dado a trabalhos para nada pois os pequenos lagares de azeite geralmente apenas funcionavam durante o inverno uma vez que os membros das comunas tinham de participar durante o verão nos trabalhos dos campos. Foi para eles uma excelente lição que os fez compreender que estar na posse de certos dados não significava forçosamente que podiam ligar a teoria à prática e que, se quizessem de facto preparar um

novo manual proletário, tinham de evitar a todo o custo retomar o velho caminho: o de escrever fechado em casa.

De novo se dirigiram para as empresas industriais e mineiras, para os campos e unidades do exército a fim de prepararem o manual com o concurso dos operários, camponeses e soldados. Para escrever o capítulo «Higiene do trabalho nas minas de carvão», foram várias vezes em companhia dos mineiros até às zonas de extracção situadas a várias centenas de metros de profundidade, onde estudaram com eles a questão da ventilação e das medidas anti-poeiras. Para bem conhecerem o problema de «Manutenção da pureza de água potável nos poços», eles investigaram os poços duma dezena de brigadas de produção de diferentes regiões, procederam a comparações e trabalharam mesmo com os camponeses na construção de poços. Quando se dedicaram à redacção do capítulo «Prevenção com plantas medicinais», assimilaram a experiência dos trabalhadores, consultaram numerosos documentos, reuniram centenas de prescrições tradicionais chinesas das quais retiraram as mais satisfatórias ou sejam várias dezenas. Um velho camponês-médico tradicional, mesmo sofrendo do coração, conduziu-os para as montanhas a fim de lhes ensinar a reconhecer as diversas plantas medicinais. Um reformado do Exército vermelho guiou-os solicitamente para várias brigadas de produção a fim de lhes permitir tomar conhecimento do que se fazia na luta contra as doenças; nem mesmo hesitou em

lhes fornecer prescrições de remédios à base de plantas que ele até então ciosamente guardava para si; os camaradas responsáveis pelas equipas médicas das unidades do E. P. L. nas diversas localidades, discutiram com eles matérias a inserir no manual. Desta maneira foram resolvidos numerosos problemas que teriam continuado insolúveis se eles tivessem ficado por dentro dos muros da escola.

Pelo facto de 80% da população chinesa viver no campo, os camaradas do grupo de investigação acharam inútil tratar, no capítulo «Abastecimento de água potável», da construção de centrais de distribuição de água corrente e dos seus processos de esterilização. Renunciaram portanto a abordar a questão da esterilização por iões de prata de elevado custo, pois exigem um grama de prata pura por metro cúbico de água. Insistiram, pelo contrário, na protecção das fontes de água, na purificação e na esterilização da água potável necessária ao campo. Citaram como exemplo no seu manual a comuna popular de Changfeng onde se bebe agora água de poços em vez de água dos charcos, explicando como, para o conseguirem, os seus habitantes tinham escolhido melhores fontes, construido poços segundo princípios científicos e estabelecido um pacto de higiene colectiva e as medidas para manutenção da pureza da água.

Quando submeteram o manual à discussão dos membros desta comuna estes, aprovando a simplificação do antigo manual e a eliminação de tudo o que

continha de falso e de pletórico, propuseram que fosse explicado com mais detalhe a poluição e a purificação da água, que se insistisse na experiência das massas no que respeita à conservação da sua pureza bem como sobre os princípios fundamentais respeitantes às medidas de protecção neste domínio. Isso permitiria dominar as leis que regem as coisas. Então os professores inseriram no novo manual as teorias científicas expostas no capítulo «Relações entre a água potável e a propagação das doenças» que figurava no antigo, para fazer compreender o perigo da poluição da água e a importância da água potável. Aliás, fez-se a síntese teórica das experiências adquiridas e das medidas de protecção tomadas pelas massas na utilização da água como, por exemplo, o método de purificação pelo alúmen, correntemente enpregue nas regiões rurais.

O manual foi depois apresentado na comuna popular de Tsaikang, na Siderurgia de Siangtan e na mina de Volfrâmio de Yaokangsien, para se obter a opinião delas. Os membros da comuna popular fizeram notar que, embora as medidas tomadas pela comuna popular de Changfeng para a manutenção da pureza da água fossem científicas e eficazes, as regiões rurais chinesas são imensas, as empresas industriais e mineiras dispersas, disseminadas tanto nas regiões montanhosas como nas planícies e que, portanto, as pessoas não bebem só água dos poços mas também água das fontes, dos rios ou ribeiras, o que implica que se encarem medidas higiénicas para os

diferentes casos. Tendo em conta estas sugestões, os professores incluiram no manual experiências de outras localidades e métodos científicos que tinham sido aplicados com sucesso, reflectindo assim, dum modo relativamente completo, as leis fundamentais que regem as medidas da medicina preventiva.

Os camaradas das equipas médicas do Exército Popular de Libertação da China que foram consultados chamaram a atenção para o facto de as massas, com o desenvolvimento em profundidade do movimento patriótico de massa para a higiene, desejarem conhecer os métodos de análise da água a fim de melhor garantirem a pureza das suas fontes. Os camaradas do exército relataram-lhes os métodos simples que empregavam para analisar a água e estes foram igualmente inseridos no manual. Assim, ao mesmo tempo que se tinham em conta as condições actuais das empresas industriais e mineiras e das regiões rurais, não se perdiam de vista as necessidades a longo prazo do desenvolvimento da obra sanitária. No que respeita à purificação da água potável, os camaradas do exército assinalaram que em certos locais se empregavam já plantas selvagens. Este método de purificação, simples e barato, inventado pelas massas, foi também incluido no manual, acompanhado duma análise científica sob o ponto de vista teórico. Foi assim que, pela primeira vez, um manual deste género tratou da purificação da água com os métodos tradicionais e modernos combinados.

4 — AS DIFERENÇAS ENTRE O VELHO E O NOVO MANUAL

Ao fim de dois meses de esforços, o manual «Elementos de Medicina Preventiva e Profilaxia e Tratamento das Doenças Profissionais» ficou acabado. O professor Wang Siang-pou, em minha intenção, comparou o novo manual com o antigo.

1.° — O novo preocupa-se sobretudo com as doenças correntes de grande morbilidade e com as doenças profissionais dos operários, camponeses e soldados e, segundo o princípio do presidente Mao: «DIRIGIR O ESFORÇO PRINCIPALMENTE PARA A PROFILAXIA», na importância de mobilizar as massas em campanhas patrióticas pela higiene, fazê-las participar na trabalho de profilaxia e tratamento. Sublinha a necessidade de valorizar o espírito de iniciativa dos habitantes para detectar os agentes portadores de germens patogénicos e de doenças, «prevenir as doenças recorrendo aos remédios tradicionais e ocidentais combinados» e reforçar a resistência do organismo. Faz tábua rasa das concepções burguesas contidas no antigo curso de higiene que insistia unilateralmente na «influência das condições externas na saúde do homem» sem ter em conta o papel do organismo são na luta contra a doença e só tinha em vista as necessidades das cidades, negligenciando as dos operários, camponeses e soldados.

2.° — Ao contrário do antigo manual que copiava

tudo do estrangeiro sem consagrar a menor linha às medidas tradicionais de profilaxia do país, embora se soubesse que tomar remédios preventivos à base de plantas medicinais é desde há muito um dos principais meios correntemente utilizados pelo nosso povo para lutar contra as doenças, o manual inclui pela primeira vez um capítulo intitulado «Remédios preventivos» que combina os métodos chineses tradicionais com os métodos da medicina ocidental.

3.º — Separando a higiene da produção, o antigo manual limitava-se a formular regras de higiene sem relação com as necessidades da produção industrial e agrícola; o novo manual formula exigências higiénicas partindo da realidade da produção e contribui para o seu desenvolvimento. Por exemplo enquanto que o antigo manual falava apenas da evacuação pura e simples das poeiras e gases nocivos formados no decurso da produção por meio de ventiladores ou de altas chaminés, o novo manual, abordando a questão da protecção contra as poeiras e da evacuação das matérias tóxicas nas empresas industriais e mineiras, tem em conta, ao mesmo tempo, a protecção do ambiente, a saúde dos operários e a utilização dos detritos. Os operários, camponeses e soldados que participavam na elaboração do novo manual declararam: «É um bom ponto de partida para a preparação do nosso próprio manual de medicina preventiva em que os métodos chineses tradicionais e ocidentais se encontrem combinados.»

A elaboração deste manual é apenas um exemplo

da reforma das matérias de ensino no Instituto de Medicina de Hounan. Pouco tempo depois, um membro do comité revolucionário do Instituto disse-me que, segundo o ensinamento do presidente Mao: «AS MATÉRIAS ENSINADAS SERÃO RADICALMENTE TRANSFORMADAS», o Instituto reviu todos os antigos manuais com espírito crítico, simplificou-os e desembaraçou-os de tudo o que continham de falacioso. Por outro lado, os professores penetraram nas massas, fizeram o balanço das descobertas e invenções dos operários, camponeses e soldados e propuseram novos assuntos para estudar. Trabalhando na revisão dos antigos manuais e na preparação de novos, eles esforçaram-se por lhes conferir um carácter revolucionário, prático e científico. Neste momento o Instituto completou 37 novos manuais totalizando 5 milhões de palavras os quais são já utilizados no ensino de todas as matérias. Em conclusão, este membro do comité revolucionário do instituto disse-me: «Isto é apenas o começo e, com o desenvolvimento da edificação socialista, os manuais de ensino serão completados e actualizados continuamente.»

D — O ESTABELECIMENTO DUMA UNIVERSIDADE CIENTÍFICA E TÉCNICA SOCIALISTA — Colóquio com membros da equipa de propaganda do pensamento maotsetung, professores e alunos da Universidade de Tsinghoua.

HAN MING-WEN (membro da equipa de propaganda, um dos responsáveis do grupo encarregado da reforma do ensino na Universidade):

Para fazer da Universidade de Tsinghoua uma universidade técnica e científica socialista, é necessário aplicar sem qualquer reserva a directiva do nosso grande dirigente, o presidente Mao, «A EDUCAÇÃO DEVE ESTAR AO SERVIÇO DA POLÍTICA DO PROLETARIADO E SER COMBINADA COM O TRABALHO PRODUTIVO», é necessário ligar estreitamente o ensino à prática social, manter aberta a porta da escola e criar um sistema de ensino totalmente novo- o do proletariado.

O punhado de responsáveis do Partido comprometidos na via capitalista na antiga Universidade Tsinghoua, pelo contrário, tinham aplicado uma linha revisionista. Opondo-se a que os estudantes participassem na luta de classes e na luta pela produção, entendiam que «Tsinghoua é um berço de engenheiros» e que os combatentes dos três grandes movimentos revolucionários (a saber: luta de classes, luta pela produção e experimentação científica) se formam «nos laboratórios próprios», o que afastou um grande número de professores e alunos da prática social. Depois da entrada na Universidade, a nossa equipa de propaganda, por um lado levou os professores e alunos a refutarem esta linha errónea, por outro lado incitou-os a criar oficinas dentro da Universidade, a transferirem a secção de Engenharia Civil para um local de construção, a secção de Hidráulica para junto de uma obra de hidráulica e, além disso, a dirigirem-se para as fábricas a fim de nelas darem aulas durante as horas de descanso e organizarem cursos de preparação acelerada. Assim começou a revolução no ensino que permitiu aos professores e alunos a sua integração com operários e camponeses e a procederem, com estes últimos, à inovação técnica, às investigações científicas e à pesquisa social.

A revolução proletária no ensino é uma revolução socialista de importancia profunda que não se conseguirá levar a bom termo sem a participação das massas e sem o apoio fornecido pelo conjunto da

sociedade. Eis porque temos de deixar sempre aberta a porta da escola, ligá-la às fábricas; isso permite combinar estreitamente a popularização da cultura com a sua elevação e dar um forte impulso ao desenvolvimento da produção industrial e agrícola. Assim, enquanto as antigas escolas estavam isoladas do resto do mundo, as novas auscultam permanentemente a sociedade. Os professores e estudantes têm agora oportunidade de entrar em contacto com os operários, camponeses e soldados para serem por eles reeducados e acelerarem a transformação da sua concepção do mundo; além disso, podem deste modo enriquecer continuamente o conteúdo do ensino com as inovações técnicas surgidas no decurso da produção, animar o ensino académico com um sopro vital, pôr o ensino e a investigação científica ao serviço da edificação socialista e promover a produção na sociedade.

TSAO KI-SIANG (um dos responsáveis do grupo encarregado da reforma do ensino na fábrica de automóveis dependente da Universidade):

Para responder à necessidade de desenvolvimento da produção industrial e agrícola da ciência e da técnica e ajudar a atingir e ultrapassar os níveis mundiais mais avançados, nós começámos, para reformar o antigo sistema escolar, por criar oficinas na escola e dotá-la com fábricas. As antigas barreiras entre diferentes disciplinas e secções foram abolidas,

algumas delas foram fundidas e novas especialidades foram criadas. As especialidades ficam a cargo ou duma fábrica no interior da Universidade, ou duma unidade de investigação científica ou, ainda, dum misto fábrica-escola. O presidente Mao disse: «OS LABORATÓRIOS E AS OFICINAS ANEXAS DE TODAS AS ESCOLAS SUPERIORES INDUSTRIAIS QUE DA MESMA FORMA SE DEDICAM À PRODUÇÃO DEVEM FAZÊ-LO, NA MEDIDA DO POSSÍVEL, DE MANEIRA A SATISFAZEREM AS EXIGÊNCIAS DO ENSINO E DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA.» Neste momento a Universidade tem fábricas de média e pequena envergadura que podem promover várias especialidades. Citemos uma fábrica de máquinas ferramenta de precisão, uma de automóveis e uma de múltiplas experiências electrónicas.

HAN MING-WEN:

Esta última, por exemplo, foi criada na base do equipamento existente nos antigos laboratórios. Ao mesmo tempo que contribui activamente para o ensino das especialidades de comando automático, de radiotecnia e ordenadores electrónicos, ela produz toda uma gama de aparelhos electrónicos. Assim, estas fábricas dentro da escola desempenham um duplo papel: podem produzir uma certa quantidade de produtos típicos, variados para as necessidades da indústria e da defesa nacional e constituem, por outro lado, bases para a investigação científica, para a

criação de novos produtos e para o ensino especialisado.

TSAO KI-SIANG:

Após um ano de esforços, nós conseguimos montar uma fábrica de automóveis que, além de produzir um número restrito de viaturas, serve para formar os estudantes de cinco especialidades: forjadura, soldagem, metais, automóveis e moldagem. Neste momento, mais de 500 estudantes fazem os seus estudos nesta fábrica.

A nossa fábrica de automóveis é, como as outras fábricas da Universidade, uma organização que combina o ensino, a investigação científica e a produção. Ela tem por tarefa principal formar «TRABALHADORES CULTOS COM UMA CONSCIÊNCIA SOCIALISTA». Os estudantes operários-camponeses-soldados trabalham e estudam nas suas diferentes secções. São ao mesmo tempo operários e estudantes. Os professores ensinam e também tomam parte no trabalho produtivo. Esta tripla união dos operários da fábrica, dos professores e alunos permite a estes últimos, através da solução dos problemas surgidos no decurso da produção e da investigação científica, adquirir tanto os conhecimentos científicos como as técnicas de produção. Tomemos como exemplo os alunos da especialidade de automóveis. Como têm de montar os automóveis e ensaiar os novos motores, eles preparam com as próprias mãos o banco de ensaios, afinam os aparelhos de medida, registam e

analisam os resultados das experiências. Entretanto, os professores explicam-lhes a estrutura do automóvel e os princípios do motor. Este método teve um acolhimento favorável por parte dos alunos. «Fixa-se mais fàcilmente na memória aquilo que tocamos com os nossos próprios dedos», diziam eles. «E não se esqueçem as coisas que nós próprios fazemos». Na antiga Tsinghoua, antes de se apresentarem as experiências, já tudo estava preparado; os estudantes limitavam-se a carregar nos botões, a anotar os dados e a traçar as curvas para verificar a teoria ensinada nos manuais. Desta maneira, nada sabiam fazer quando, uma vez diplomados, tinham necessidade de trabalhar nas fábricas. O contraste entre os dois métodos de ensino é chocante.

HAN MING-WEN:

As diferentes especialidades têm as suas respectivas particularidades. Partindo desta consideração, nós estabelecemos um conjunto de várias formas de organização. A maioria das especialidades devem ligar-se às fábricas da Universidade; outras formam combinações com as fábricas do exterior; outras ainda estão essencialmente ligadas aos laboratórios e combinam o ensino com a investigação científica. Sendo a experimentação científica uma tarefa importante das universidades científicas e técnicas nós, ao mesmo tempo que criávamos as fábricas, reformámos e reequipámos os laboratórios. Em colaboração estreita com as fábricas do exterior e outros organismos, as fábricas e os laboratórios da Universidade desempenham as seguintes funções: formar os estudantes no domínio da experimentação científica, fazer investigações científicas, dominar as técnicas de ponta, criar novas técnicas e novos produtos, formular novas teses no plano teórico para atingir e ultrapassar os níveis mundiais mais avançados. Mas as fábricas e laboratórios da Universidade não podem substituir o conjunto fábrica-escola. Todas as especialidades devem combinar as três fórmulas a fim de se orientarem para a sociedade e melhor conectarem a revolução no ensino com a revolução científica e técnica. Neste momento a Universidade mantém contactos permanentes com dezenas de unidades da sociedade. Esta prática corresponde, pensamos nós, à necessidade da produção industrial e agrícola.

Quando uma parte dos nossos professores e alunos trabalhavam na Fábrica de Máquinas Eléctricas de Pequim, organizaram, a propósito dum novo produto que esta fábrica estava em vias de produzir a título de ensaio, um «estágio operário nas horas vagas sobre as instalações de silício controlável». Logo que souberam da notícia, um grande número de operários veio inscrever-se no estágio, tão ávidos estavam de aprender a técnica electrónica. Eles aplicavam na sua oficina, logo no dia seguinte, aquilo que tinham aprendido na véspera. Alguns apressavam-se a ensinar aos outros os seus conhecimentos recém adquiridos. Os operários acolheram calorosamente este estágio que

conseguiu popularizar e elevar a ciência e a técnica.

SIE PING (professor da especialidade de forjadura adstrita à fábrica de automóveis):

Para formar trabalhadores que possuam, a par duma consciência socialista, uma experiência prática e conhecimentos teóricos, devemos dar aos estudantes, no plano profissional, a possibilidade de resolverem os problemas surgidos no decurso da produção, de se encarregarem da concepção de planos e de fazerem investigação científica. Isto para corresponder à necessidade de desenvolvimento da ciência e da técnica no nosso país; de tal eram incapazes os antigos manuais, desactualizados, concebidos num espírito escolástico e separando a teoria da prática.

O presidente Mao diz: «AS MATÉRIAS ENSINADAS SERÃO RADICALMENTE MODIFICADAS». Nós reexaminámos os antigos manuais com espírito crítico. Começámos por os simplificar ficando apenas com o essencial e o que estava de acordo com a verdade. Ao mesmo tempo sistematizámos as invenções do povo trabalhador e as técnicas mais recentes desenvolvidas a partir dos últimos resultados da pesquisa científica, com o fim de enriquecer e completar os novos manuais. Assim, estes últimos terão ao mesmo tempo um carácter revolucionário, prático e avançado.

Sob a direcção da equipa operária de propaganda, os professores da nossa especialidade de forjadura

foram para o país a fim de fazerem um inquérito sobre o estado da tecnologia da picotagem. Dirigimo-nos a uma vintena de fábricas de diferentes tipos e a departamentos interessados. Convidámos operários veteranos, quadros, engenheiros e técnicos para várias dezenas de reuniões, o que nos permitiu fazer uma ideia nítida do desenvolvimento desta técnica na China e do papel que ela desempenha na produção industrial e agrícola e, ao mesmo tempo, fazer o balanço das invenções e da rica experiência dos operários neste domínio. A partir desta base redigimos um «Curso da tecnologia de picotagem». Não é mais do que o começo. O nosso manual deve ser continuamente enriquecido, renovado e aperfeiçoado em perfeita conexão com o desenvolvimento da produção.

WANG KI-TCHENG (professor da secção de Hidráulica):

A prática da revolução no ensino convenceu-nos que, pretendendo a reforma das matérias de ensino, nós devemos ter plenamente em conta a realidade do nosso país, devemos fazer um cuidadoso balanço das invenções dos operários, camponeses e soldados, propôr novos problemas a resolver e arquitectar novos sistemas. Os antigos manuais da secção de Hidráulica são na maioria copiados do estrangeiro e ignoram deliberadamente as criações dos operários, camponeses e soldados. São inutilizáveis até por estarem isolados da prática.

A equipa operária de propaganda conduziu-nos para o campo a fim de participarmos nos três grandes movimentos revolucionários, sermos reeducados do ponto de vista ideológico pelos operários, camponeses e soldados e assim empreendermos ao mesmo tempo a reforma das matérias de ensino.

Nós estivémos na região de Tchangkeou na província de Hopei. Aí, indo à escola dos camponeses pobres e médios a fim de estudar e aplicar de maneira viva o pensamento maotsetung, nós trabalhámos ao lado deles, compartilhámos as suas refeições e alojamentos. Para conseguirem uma melhor colheita de grão para apoio da revolução e da edificação socialista do país e da revolução mundial, os camponeses pobres e médios desta região travaram uma luta heróica contra a crua encosta da montanha, dia e noite, desafiando chuvas e trovoadas. Este espírito intrépido revolucionário deu-nos uma profunda lição, de tal maneira que nós pudémos aproximarmo-nos deles um passo mais no que respeita tanto à posição de classe como aos sentimentos de classe. Antes, quando chovia, nós apressávamo-nos a fugir para os quartos. Agora, quando vem a adversidade, precipitamo-nos para fora a fim de ajudarmos os camponeses pobres e médios a lutar contra a chuva.

Aí também, vimos numerosas invenções do povo trabalhador, com as quais as «sumidades» burguesas nem teriam ousado sonhar. Esta região conhecia a seca nove anos em cada dez. A maioria dos cursos de água são de regime estacional: geralmente

secos, transbordam com a cheia de verão sob os efeitos das chuvas violentas. Ora, nos antigos manuais chineses e estrangeiros da matéria, a cheia proveniente das montanhas é considerada como um flagela natural de que se não pode esperar nada de bom. Mas os camponeses pobres e médios desta região, seguros da superioridade da comuna popular, aprenderam as leis da cheia na sua luta contra os elementos. Segundo o princípio filosófico «UM DIVIDE-SE EM DOIS», eles esforçaram-se por reduzir os prejuizos trazidos pelas cheias utilizando a própria água, as matérias fertilizantes e o limo que ela carrega, para irrigar, adubar e benificiar o solo a fim de aumentar a produção agrícola. Para fazer o balanço da esperiência avançada adquirida pelas massas locais e popularizá-la, nós organizámos um grupo de redacção do manual composto por camponeses pobres e médios, guardas vermelhos e profesores veteranos. Este grupo percorreu toda a região para fazer inquéritos e acumular dados em primeira mão. Nesta base, redigiu um novo manual sobre a «drenagem da cheia tendo em vista a irrigação e a deposição do limo». De acordo com o materialismo dialético, nós acentuámos nele o papel do factor humano que pode transformar a natureza e tirar proveito das próprias calamidades naturais. Os estudantes diziam: «Nós aprendemos simultâneamente a dialética revolucionária do presidente Mao e os meios de dominar as cheias. Um tal manual e um tal método de ensino elevam

a moral do novo e abatem a arrogância da burguesia».

TCHANG MENG-WEI (professora, chefe do grupo encarregado da reforma dos cursos de base):

No que diz respeito às antigas matérias de ensino e às realizações científicas e técnicas estrangeiras, nós mantemo-nos fieis ao princípio de herdar de maneira crítica e aplicamos as directivas «QUE O ANTIGO SERVE O ACTUAL, QUE O QUE É ESTRANGEIRO SERVE O QUE É NACIONAL», «QUE REJEITANDO O QUE ESTÁ ESTABELECIDO CRIA-SE O NOVO». Em vez de repetir de maneira simplista o conteúdo científico dos antigos manuais, nós analisámos sobretudo o seu sistema geral para saber em que bases estão fundados e a que classe social servem. Os «peritos» burgueses gostavam de afirmar que as matemáticas superiores, mil vezes provadas, constituiam a melhor linguagem matemática. Eles fizeram passar o cálculo infinitesimal, a que chamavam «rei da ciência», como o resultado duma caterva de axiomas e teoremas, o que há de mais abstracto e de mais misterioso no mundo. Para os estudantes, este ramo das matemáticas era como um tigre que lhes barrasse o caminho. Uns eram obrigados a repetir porque não conseguiam passar no exame de matemática superior; outros eram obrigados a seguir cursos paralelos porque não eram, como eles diziam, fortes em matemática.

Nós estudámos o ensinamento do presidente Mao: «NO MUNDO APENAS EXISTE UMA TEORIA VERDADEIRA: A QUE É TIRADA DA REALIDADE OBJECTIVA E CONFIRMADA POR ELA; NENHUMA OUTRA MERECE O NOME DE TEORIA NO SENTIDO EM QUE NÓS A ENTENDEMOS».

E tomámos a resolução de libertar as matemáticas superiores do monopólio das «autoridades» burguesas. Destacámos um grupo de reforma do ensino para ir trabalhar para a fábrica de aços especiais de Pequim. No decorrer do trabalho, nós constatámos que a chaminé, de forma cilíndrica, era constituída por inumeráveis tijolos com a forma de paralelipípedos rectângulos. Este facto não é uma ilustração do princípio do cálculo infinitesimal? Tivemos discussões com os operários que nos informaram serem semelhantes fenómenos frequentes na produção. Tomemos o exemplo do operário afinador. Quando tem de trabalhar uma peça circular com uma lima, cada golpe do seu instrumento faz uma linha recta e o conjunto delas forma um círculo. Este processo que divide um todo em inumeráveis pequenas parcelas para as reagrupar num todo, não é mais do que a noção de cálculo infinitesimal. Nós tínhamos o hábito de deduzir o cálculo diferencial duma série de axiomas e de teoremas; isso tornava-o muito abstracto. Agora, partindo da prática da produção, nós arquitectámos um sistema novo que se baseia no desenvolvimento da contradição entre o cálculo diferencial e o cálculo integral bem como a transformação

de um no outro. Assim nasceu o nosso novo manual de cálculo infinitesimal, muitíssimo apreciado pelos nossos estudantes-operários que sublinham a esse propósito: «O cálculo infinitesimal não é misterioso: uma lima atravessa a divisória de papel e as matemáticas superiores voltam para as mãos do povo trabalhador.»

HAN MING WEN:

Certas pessoas fazem mal em pensar que nós fazemos caso da prática em detrimento da teoria. O presidente Mao indicou-nos: «A PERCEPÇÃO APENAS PODE RESOLVER O PROBLEMA DAS APARÊNCIAS DAS COISAS E DOS FENÓMENOS; O PROBLEMA DA ESSÊNCIA, ESSE SÓ PODE SER RESOLVIDO PELA TEORIA.» É uma atitude errada rejeitar a necessidade dos estudos teóricos. «MAS O MARXISMO DÁ UMA GRANDE IMPORTÂNCIA À TEORIA JUSTAMENTE E UNICAMENTE PORQUE PODE SER UM GUIA PARA A ACÇÃO.» Toda a teoria nasce da prática e em compensação deve servi-la. O importante é reformar os cursos de base tanto como os outros. É preciso ligar a teoria à prática, enriquecer e desenvolver a teoria na prática.

TCHANG MENG-WEI:

Outrora eram necessárias cerca de 180 horas de aulas para ensinar o cálculo infinitesimal. Agora, após uma reforma preliminar, bastam menos de 90 horas. Em vez de estarem separadas das disciplinas de especialidade como outrora, as disciplinas de base estão agora orgânicamente ligadas com elas. Aplicando a teoria nós verificamos directamente os resultados do nosso ensino na prática.

JEN CHEOU-KIU (jovem professor da Secção de Automação):

Os métodos pedagógicos burgueses estão centrados no livro e no professor. Daqui resulta que a teoria está isolada da prática. Por mais que o farte o professor, o aluno não engorda. Este modo de agir inverte o processo do conhecimento que começa pela prática. Os alunos assim formados estão afastados da prática; com as suas ideias esclerosadas são bons para imitar mas impotentes para criar. No início da nossa experiência em matéria de reforma do ensino, por não termos rejeitado os antigos métodos pedagógicos, o professor esforçava-se por preparar o seu curso, explicava-o na aula, servia de explicador depois das aulas mas os alunos não ficavam de modo nenhum satisfeitos. Compreendemos na prática que, se não reformássemos a fundo os antigos métodos pedagógicos, a Universidade não conseguiria cumprir a sua tarefa que é a da formação dos intelectuais do proletariado.

Em seguida, de acordo com o ensinamento do presidente Mao sobre a prática como origem de todo o conhecimento, nós começámos pela prática, o que nos foi facilitado pelo facto dos nossos novos alunos terem uma maior ou menor experiência nesse campo.

Referindo-nos sempre aos trabalhos típicos, aos produtos típicos, tecnologias típicas e inovações típicas de que os estudantes não deixam de tomar conhecimento na produção e investigação científica, nós experimentamos passar do fácil ao difícil, do simples ao complexo. A prática e o ensino marcham a par, os estudos teóricos não são portanto esquecidos. Este método permite aos estudantes possuidores duma experiência prática tirarem dele pleno proveito e aos estudantes menos favorecidos já não considerarem como tabus as técnicas avançadas.

O ensino magistral foi substituido por uma orientação destinada a esclarecer o assunto e por discussões. Antes de cada aula, distribuimos a lição aos alunos que devem estudá-la e preparar as perguntas. Sòmente em seguida passamos à discussão na aula. Procedendo assim, nós libertamos o pensamento dos alunos que podem assimilar os conhecimentos mantendo intacta toda a iniciativa; eles podem cultivar a sua capacidade de reflexão e de análise, realçar o seu espírito criador. Este método pedagógico democrático é inspirado no ensinamento do presidente Mao: «OS OFICIAIS INSTRUEM OS SOLDADOS, OS SOLDADOS INSTRUEM OS OFICIAIS, E OS SOLDADOS INSTRUEM-SE MUTUAMENTE». No plano profissional os professores e os alunos instruem-se mutuamente. Um novo sistema de exames foi elaborado para verificar os resultados do ensino que permite aos professores e alunos fazerem um balanço da experiência adquirida, aperfeiçoarem-se tanto uns como os outros.

No plano político eles ajudam-se reciprocamente. Na vida quotidiana cuidam uns dos outros. Assim tomou forma um novo tipo de relações entre professores e alunos.

KIN TSING - KAI (antigo operário da Tipografia de Sinhoua, estudante da especialidade de construção mecânica, Secção de Mecânica):

Como querem que nos apliquem a nós os antigos métodos de ensino? Os professores formados nas antigas universidades não conseguem ainda subtrair-se completamente à influência das ideias e dos métodos antigos e, além disso, estão afastados da prática. E isso ressente-se nos resultados do seu ensino. Para remediar esta situação os alunos apresentam, no seio do grupo de preparação dos cursos, as suas propostas sobre o conteúdo da lição a ensinar e os métodos de explicação a utilizar, fornecem mesmo para o efeito exemplos concretos. Na aula, aquele que primeiro compreende um capítulo não hesita em subir ao estrado para ajudar o professor a expô-lo. Os resultados têm sido muito frutuosos. Por vezes acontece que o professor não explica a lição ou problemas surgidos de modo satisfatório; então, juntos, ajudamo-lo a resolvê-los.

A maioria dos novos alunos, sobretudo os da classe de aperfeiçoamento dos operários veteranos, apenas receberam uma instrução rudimentar após a libertação, nas escolas nocturnas. Nos seus estudos univer-

s:tários deparam com não poucos obstáculos. Mas nós não deixamos um só camarada desistir. Criámos grupos de entreajuda para nos encorajarmos mutuamente e reforçarmos a nossa vontade de estudar para a revolução. O estudante Tchang Chouang-Hsing é um operário qualificado. Depois da libertação o partido mandou-o estudar para um liceu. Ele ensinou mesmo álgebra durante um certo tempo. Está sempre pronto a ajudar os camaradas que não possuem uma base escolar suficientemente sólida. Actualmente alguns professores estão no mesmo dormitório que nós, outros vêm muitas vezes ter connosco para se informarem dos nossos estudos e da nossa vida e ajudar-nos, eventualmente, a resolver os nossos problemas.

A revolução proletária no ensino apenas principiou. Estamos convencidos de que é preciso prosseguir esta revolução à luz do marxismo, do leninismo, do pensamento maotsetung e remodelar o mundo subjectivo ao mesmo tempo que se remodela o mundo objectivo. Sob a direcção da classe operária, nós tomámos a resolução de reformar a antiga Universidade Tsinghoua, participar activa e conscienciosamente na gestão da escola. Nós lutamos pela elaboração dum novo sistema de ensino, o do proletariado e pelo estabelecimento duma universidade científica e técnica socialista. Não é somente para nós próprios mas também para os milhões de proletários que, depois de nós, ascenderão à universidade.

ÍNDICE

NOTA INTRODUTÓRIA 5

I — OS GRANDES PRINCIPIOS 9

A — Discussão em todo o país sobre a revolução no ensino 11

1) Como fazer a revolução no ensino?... 12

2) Quem deve exercer o poder no ensino? 14

3) A revolucionarização ideológica dos professores 17

4) O problema da qualidade do ensino ministrado ... 19

B — Um exemplo da nova escola: criada de servir a dar aulas 23

II — O ENSINO PRIMARIO 29

A — A revolução do ensino numa comuna popular ... 31

1) O papel dos camponeses pobres e médios da camada inferior na transformação do ensino 32

2) Como dirigem os camponeses a escola 36

3) Como educam os camponeses a jovem geração ... 39
4) Escolas novas, espírito novo 42
B — A experiência duma professora rural 45
1) Modificações radicais na escola: horários, idade escolar, períodos de matrícula, etc. 47
2) Problemas disciplinares e ideológicos 50
3) As ameaças e as dificuldades suscitadas pela linha revisionista 51

III — O ENSINO SECUNDARIO 55
A — As grandes linhas da revolução no ensino secundário 57
1) Qual o curso mais importante? 58
2) Crítica à longa duração dos estudos 61
3) Da teoria à prática ou da prática à teoria? ... 64
4) Como organizar os cursos e preparar as lições? 66
5) Relações entre professores, alunos e trabalhadores 69
B — A revolução do ensino numa escola secundária de Pequim 73
1) Dar a primazia à política 76
2) Como se estabelece o novo conteúdo do ensino ... 77
3) Os novos métodos de ensino 83

IV — O ENSINO TÉCNICO E O SUPERIOR 87
A — A revolução na Universidade de Tsinghoua 89
1) Os operários e o E. P. L. decidem-se a intervir na Universidade 90
2) O fim do império soberano dos intelectuais ... 92
3) A conquista da maioria esmagadora dos intelectuais 95
4) A reeducação dos intelectuais 97
5) A revolução não pára 100
B — Como forma a Fábrica de Máquinas Ferramenta de Changai o seu pessoal técnico 103
1) A luta entre as duas linhas 104
2) Os dois tipos de técnicos 107
3) As mudanças revolucionárias 113
C — Medicina: o nascimento dum novo manual de ensino 115
1) Porque se devem reformar os antigos manuais ... 116
2) Como se recolhem os dados 118
3) O contributo dos operários, camponeses e soldados 122
4) As diferenças entre o velho e o novo manual ... 127
D — O estabelecimento duma Universidade Cientifica e Técnica Socialista — colóquio na Universidade de Tsinghoua 131

Esta edição do presente livro foi
mandada executar por *Centelha - Promoção do Livro, SARL*
na Tipografia Agueda - Alta Vila - Agueda
onde foi composto e acabou de se imprimir
em *13 de Janeiro de 1974*

A China continua a ser para o ocidente uma eterna fonte de mistério. Ao longo dos tempos, muitos relatos, múltiplas notícias e comentários, bem como numerosas publicações nos têm sido fornecidas. Todavia, dum momento para o outro, chega-nos uma notícia que vem abalar todos os conceitos que formámos sobre a China e nos obriga a procurar febrilmente todos os pormenores que permitam interpretar o «acontecimento».

É o caso da Grande Revolução Cultural Proletária. As publicações que desde 1964 se têm sucedido ininterruptamente sobre ela, nem por isso foram suficientes para esclarecer completamente o «mistério».

Com a presente colectânea procura-se apenas preencher uma lacuna, apresentar uma outra face do problema: são artigos escritos pelos próprios chineses, é a Revolução Cultural no Ensino, contada e analisada pelos seus autores, abrangendo os níveis, primário, secundário, superior e técnico.

7

2.ª Edição

POLÍTICA

INTERNACIONAL